

CRESO MACHADO LOPES

A PRODUÇÃO DOS ENFERMEIROS ASSISTENCIAIS  
EM RELAÇÃO À PESQUISA EM ENFERMAGEM, EM UM  
MUNICÍPIO PAULISTA

*Ribeirão Preto*

1 9 8 3

200 01120  
D. 1117110  
01/06/01  
20665  
(21)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

A PRODUÇÃO DOS ENFERMEIROS ASSISTENCIAIS  
EM RELAÇÃO À PESQUISA EM ENFERMAGEM, EM  
UM MUNICÍPIO PAULISTA

Dissertação de mestrado apresentada  
à Escola de Enfermagem de Ribeirão  
Preto da Universidade de São Paulo

TRAB.  
FICHA  
5-11-13  
1983

Orientadora:  
Profa. Dra. Emilia Luígia Saporiti Angerami

Ribeirão Preto  
1 9 8 3

"As palavras o vento leva e o que  
está escrito o tempo se encarrega  
de sedimentar".

À Profa. Dra. Emília Luígia Saporí  
ti Angerami os meus mais sinceros  
agradecimentos pela orientação va-  
liosa e segura.

Homenagem póstuma

À memória de ELDA MOREIRA DE OLIVEIRA

Primeira Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Acre, uma das mentoras e idealizadoras deste curso, mas que por determinação superior não está entre nós.

A meus pais

Nelson e Cinira

por tudo que conquistei e pelo que sou.

A meus irmãos

Lúcia e Nelson

pela satisfação de os possuir.

A minha esposa

Doralice

pelo carinho, amor e companhia.

A meus filhos

Alisson e Karine

sem os quais, para mim, o mundo  
não teria razão de ser.

## S U M Á R I O

I.	INTRODUÇÃO. . . . .	01
II.	OBJETIVOS . . . . .	10
III.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA . . . . .	11
IV.	METODOLOGIA . . . . .	29
	1. DEFINIÇÃO DE TERMOS. . . . .	29
	2. CLASSIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE. . . . .	32
	3. POPULAÇÃO. . . . .	32
	3.1 Delineamento da amostra . . . . .	36
	4. FASES DO TRABALHO. . . . .	37
	4.1 Entrevista (fase 1) . . . . .	37
	4.2 Levantamento de publicações de artigos de enfermeiros docentes, enfermeiros as- sistenciais e docentes assistenciais, na Revista Brasileira de Enfermagem, no pe- ríodo de 1961 a 1980 (fase 2) . . . . .	38
	4.3 Questionário (fase 3) . . . . .	39
	4.3.1 Teste do instrumento. . . . .	40
V.	RESULTADOS E DISCUSSÃO. . . . .	42
	1. ENTREVISTAS. . . . .	42
	2. LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES. . . . .	52
	3. QUESTIONÁRIOS. . . . .	57
VI.	CONCLUSÕES. . . . .	105
VII.	R E S U M O . . . . .	111
VIII.	ABSTRACT. . . . .	114
IX.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .	116
X.	A N E X O I . . . . .	125
XI.	A N E X O II . . . . .	126

## I. INTRODUÇÃO

Com o avanço da ciência e da tecnologia o mundo em que vivemos está em constantes transformações. Face a isso o progresso das ciências humanas, mais particularmente o das ciências de saúde tem exigido do enfermeiro conhecimento, maior capacidade de reflexão, análise e síntese na utilização do processo decisório para a resolução dos problemas de enfermagem.

Sendo a enfermagem uma das profissões da equipe de saúde e o enfermeiro considerado líder da equipe de enfermagem, para se desenvolver dentro do seu campo de atuação é necessário que se mantenha atualizado com os mais recentes avanços científicos e tecnológicos.

Por outro lado, a enfermagem encontra-se frente a grandes desafios e entre eles o de definir-se como uma ciência ou optar por ser atividade auxiliar.

Uma profissão somente goza de prestígio à medida em que ela mostra serviço perante a comunidade, portanto, quem faz a profissão é o próprio profissional no desempenho de suas funções.

A enfermagem existe para servir pessoas, sua responsabilidade é para com a sociedade, portanto deve prover assistência de enfermagem em qualidade, possibilitando a interação entre o homem e o ambiente, atingindo assim ao máximo o estado de saúde.



Para que a enfermagem se firme como profissão e ciência e para que preste assistência de boa qualidade ao indivíduo, família e comunidade, é necessário o desenvolvimento da pesquisa, o que levará à sistematização dos conhecimentos.

HORTA (1976) afirma "que a pesquisa é uma função social de toda e qualquer profissão liberal". No sentido amplo podemos dizer que a pesquisa é uma atividade natural da inteligência humana, é a arte da indagação e da busca de novos conhecimentos baseados em princípios lógicos com o objetivo de adicionar ou contribuir com algo ao nosso conhecimento científico; resolver problemas; tomar decisões; avaliar resultados com o intuito de melhorar o serviço prestado à comunidade em qualidade e quantidade.

PADILLA (1979) enfatiza que a pesquisa em enfermagem é o uso do método científico para descobrir respostas às questões de enfermagem, processo importante o qual deve ser implementado e organizado no serviço de enfermagem para promover o desenvolvimento das bases científicas da prática de enfermagem.

O que é certo, desde já, é o reconhecimento pela classe dos enfermeiros, da importância do desenvolvimento da pesquisa, para que possamos participar da construção da ciência de enfermagem, sendo, portanto, necessário incentivar a formação de mais grupos interessados.

A este respeito, CASTRO (1979) aborda que "existem várias maneiras para participar deste esforço: pesqui -

sando; divulgando; incentivando; criticando; sugerindo; ques  
tionando e ainda sugere, vamos compartilhar com nossos cole  
gas; vamos buscar juntos uma consciência de que precisamos  
nos empenhar em favor da pesquisa de enfermagem no Brasil".

Se o enfermeiro pretende dirigir as suas pró  
prias atividades de forma responsável, deve se informar so  
bre o desenrolar do conhecimento para com isso ser capaz de  
avaliar de forma crítica, dar parecer e tomar decisões com  
base nesse conhecimento.

Nos países desenvolvidos ou em fase de desen  
volvimento, os enfermeiros vêm atuando de forma eficiente no  
processo de pesquisa, obtendo assim consideráveis resultados.

Desta forma KRUEGER (1978) afirma que nos Es  
tados Unidos da América, nos últimos quinze anos, considerá  
vel atenção e recursos financeiros têm sido destinados para  
aumentar a quantidade e qualidade da pesquisa em enfermagem.  
Mas, por outro lado, menor atenção tem se destinado à apli  
cação dos resultados das pesquisas.

Por sua vez GIBBONS (1980) também afirma que  
a investigação no campo da enfermagem vem evoluindo desde o  
século 19, a partir das iniciativas de FLORENCE NIGHTINGALE,  
como também considerável impulso vem sendo dado pelas orga  
nizações internacionais, inclusive com publicações científi  
cas específicas para a produção de investigações no campo  
da enfermagem.

Em nosso país, comenta-se que o enfermeiro não  
tem tradição de pesquisa. Em parte é justificável pelo fato da

pesquisa em enfermagem ter tido seu início na década de 60, quando ALCÂNTARA (1963) defendeu a primeira tese de enfermagem no Brasil. Já em 1964 o XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem realizado em Salvador - BA teve como primeiro tema: "Enfermagem e Pesquisa", daí em diante como mostra a própria literatura de enfermagem, os trabalhos de pesquisa vêm aumentando gradativamente, alcançando grande avanço a partir da década de 70.

Ainda sobre o problema da não tradição em pesquisa por parte dos enfermeiros, acreditamos merecer estudos mais profundos. Hoje os enfermeiros aproveitando as experiências de outras profissões vêm tentando queimar etapas para o seu desenvolvimento dentro de nossa realidade. O enfermeiro assistencial\*, elemento que atua em campo, deve se engajar no processo de pesquisa para acompanhar a evolução técnico-científico-humanística com o intuito de melhorar a prática de enfermagem.

Portanto, é urgente o desenvolvimento de alguns requisitos indispensáveis à pesquisa, tais como: vocação; iniciativa; criatividade; sensibilidade para problemas e conhecimento da metodologia de pesquisa.

Sabemos que a pesquisa é uma atividade séria, entretanto corroboramos com LUCILLE NOTER apud HAYES

---

\* *Enfermeiro assistencial, neste estudo, refere-se aos enfermeiros empregados nos serviços de saúde.*

(1974) ao afirmar que "a pesquisa em enfermagem não é tão difícil compreender e avaliar como uma pesquisa nuclear".

Dessa forma os enfermeiros assistenciais têm direito e dever de aprofundar seus conhecimentos.

Acreditamos que os enfermeiros assistenciais, ou seja, os que estão diretamente ligados à prática de enfermagem devem aprofundar seus conhecimentos para que possam desenvolver uma assistência de enfermagem de qualidade.

Entretanto, pode haver pontos de vista diferentes entre o profissional e a instituição, ou seja, um preocupado com a qualidade e o outro com a produtividade. A identificação deste fato é de extrema importância, uma vez que a maioria de nossos enfermeiros está diretamente ligada à instituição de saúde, por vínculos empregatícios que determinam o padrão de comportamento e de trabalho, o que frequentemente tem limitado a possibilidade do crescimento de nossos profissionais.

A própria literatura mostra que há muitas opiniões a respeito da participação do enfermeiro no processo de pesquisa. Assim INMAN (1972) sugere que uma certa quantidade de enfermeiros deveria aprender a tornar-se pesquisador profissional. HAYES (1974) afirma que pesquisa em enfermagem não é um assunto para todos enfermeiros; esta deve ser feita por uma minoria intensamente treinada.

Por sua vez, CHATER (1975) menciona que, obviamente, todos os enfermeiros não desejam e nem deveriam ser pesquisadores, e que os que estão na posição de liderança,

entretanto, frequentemente utilizam relatos de pesquisas; selecionam resultados, com base nos quais mudam a prática de enfermagem; alguns são capazes de identificar problemas com capacidade para pesquisa na área prática, além de avaliar, testar resultados e solucionar problemas no campo prático.

Por outro lado, BROTHERTON apud CHATER (1975) enfatiza que a habilidade e a oportunidade para conduzir pesquisa deveriam ser limitadas a uma minoria em qualquer profissão. Entretanto a agilidade mental deve estar presente em qualquer profissão.

Desta forma SCHOLTFELDT apud HOSKINS (1979) destaca que a pesquisa em enfermagem continuará a expandir quanto mais e mais enfermeiros se tornarem interessados e envolvidos em pesquisas como sendo parte integrante de sua responsabilidade profissional.

Uma outra maneira que o enfermeiro pode estar envolvido no processo de pesquisa é como "consumidor" (GRANSE, 1978). Concordamos em parte com o referido autor, pois para que o enfermeiro participe deste processo, mesmo como consumidor é necessário que ele conheça a metodologia de pesquisa, pois caso contrário poderá fazer uso indevido dos resultados, fazendo um trabalho técnico.

Assim sendo HENDERSON apud GIBBONS (1980) enfatiza que "no futuro, todos os enfermeiros profissionais se dedicarão em maior ou menor medida na atividade de pesquisa, ou seja, de maneira direta, indireta ou ocasional. A atua-

ção direta implica participação e responsabilidade na preparação e execução de estudos de investigação; na participação indireta supõe colaboração em alguns aspectos das investigações mas sem assumir uma responsabilidade essencial no plano e execução do estudo; por último, a ocasional refere-se ao aproveitamento dos resultados de investigações, aplicando os conhecimentos adquiridos em matéria de atenção à saúde mediante as investigações realizadas por outros".

Desta forma LELEAN (1980) afirma que a educação em pesquisa é necessária em três níveis: 1. todo enfermeiro deveria ser capaz de ler e avaliar os achados da pesquisa e estar preparado para examinar sua própria prática à luz destes achados. Em adição, os administradores de enfermagem necessitam estar aptos a identificarem áreas que requerem pesquisa, iniciarem pesquisa e agirem como membros da comissão de pesquisa. Os enfermeiros docentes necessitam ser capazes de utilizar os resultados de pesquisas em seus ensinamentos e apoiar os enfermeiros a questionarem caminhos para novos trabalhos; 2. poucos enfermeiros exigem um extenso conhecimento de métodos de pesquisa para que possam tornar-se pesquisadores; 3. entre estes dois extremos, há um grupo de enfermeiros que necessitam de alguma compreensão dos métodos de pesquisa, para que eles possam participar de pesquisa como membros da equipe, serviços de saúde ou como parte de seu trabalho de enfermagem.

A vivência do dia-a-dia do enfermeiro assistencial e nosso interesse pela problemática da pesquisa em enfermagem inspiraram-nos alguns questionamentos quanto à

produção de pesquisa realizada por enfermeiros assistenciais.

O enfermeiro assistencial deve fazer e faz pesquisa? É-lhe permitido fazer pesquisa? De que forma fazem pesquisa? É-lhe propiciado tempo para esta atividade? São motivados e contam com auxílio financeiro ou técnico? O que pensam os enfermeiros assistenciais sobre esse tema?

Julgamos que a nível ideológico todas estas respostas deveriam ser afirmativas e que as organizações empregadoras, desejam manter um pessoal qualificado e atualizado.

Entretanto, pareceu-nos de extrema importância entrar em contato direto com estes profissionais e dar a eles oportunidade de se expressarem, relatando sua vivência em pesquisa no dia-a-dia da jornada de trabalho.

Foi nesta linha de pensamento que planejamos o presente estudo, procurando responder aos questionamentos levantados, identificando que fatores estão facilitando ou limitando o desenvolvimento da pesquisa realizada por enfermeiros assistenciais. Trata-se, portanto, de um trabalho exploratório descritivo, no qual procuraremos mostrar como a realidade se apresenta.

Numa primeira etapa, através do método da entrevista, ouvimos numa conversa livre e informal o que o enfermeiro vivencia e pensa sobre o enfermeiro e a enfermagem. A seguir, amostramos um grupo de enfermeiros assistenciais e aplicamos um questionário.

Os resultados são representativos de uma parcela da população do município estudado, não permitindo ge-

neralizações a nível nacional, entretanto, poderão ser ponto de partida para um estudo mais abrangente do problema em questão.



## II. OBJETIVOS

O presente estudo se propõe a:

- Descrever como o enfermeiro assistencial de sempenha seu trabalho, na instituição no qual está empregado.
- Caracterizá-lo quanto à sua educação formal e informal.
- Delinear as impressões do enfermeiro assistencial quanto à pesquisa em enfermagem e seu estado.
- Descrever como se desenvolve a participação na pesquisa nos serviços de saúde em questão.
- Avaliar a produção de pesquisa em enfermagem, realizada por enfermeiros assistenciais.
- Identificar as facilidades e incentivos / dificuldades e limitações encontradas para o desenvolvimento de pesquisa, nos campos de trabalho dos enfermeiros assistenciais.
- Detectar se os resultados diferem em relação ao tipo de instituição empregatícia.

### III. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A enfermagem no contexto histórico em que está inserida, está sujeita a transformações. Sabemos que a pesquisa em enfermagem é recente, entretanto, o assunto tem sido estudado como problema da profissão.

A indefinição dos papéis do enfermeiro por sua vez é um assunto que está sempre em tela, assim vários autores têm se referido a ele. MACHADO (1980) em sua tese de livre-docência, cita que "com o desenvolvimento científico e, conseqüentemente, com a evolução da técnica, fatores sócio-econômicos e as modificações no sistema de saúde estão levando a enfermagem a reformular seus conceitos e redefinir seu papel profissional".

KRON (1978) menciona que "a enfermagem está em um estado de transição devido às rápidas mudanças da tecnologia, da sociedade e da ciência, de modo que os enfermeiros continuam ainda incertos de seu papel e do estado de sua prática".

Como conseqüência disto, para que a enfermagem se desenvolva de forma eficiente, acreditamos ser necessário que ela esteja constantemente na busca de novos conhecimentos, utilizando-se da pesquisa para atingir este objetivo.

O surgimento da pesquisa na enfermagem teve suas origens na pessoa de FLORENCE NIGHTINGALE, na Inglaterra

ra, no ano de 1856, onde na ocasião relatou e avaliou a campanha da Criméia, estando portanto sendo plantada a primeira semente da pesquisa em enfermagem.

Por sua vez, PAIM (1979) relata que as pesquisas em enfermagem se desenvolveram como tal há aproximadamente um quarto de século no Brasil.

Três momentos da pesquisa em enfermagem podem ser identificados e consideramos marcos históricos para a profissão. O primeiro foi "Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil - 1956/1958\*", sendo provavelmente o mais citado marco de referência dos últimos anos. Este trabalho foi realizado pela Associação Brasileira de Enfermagem com apoio técnico e financeiro da Fundação Rockefeller, Organização Mundial de Saúde e outras entidades ligadas à enfermagem e saúde. Este empreendimento teve repercussão a nível nacional.

O segundo, 1963, foi a defesa de tese de GLETE DE ALCÂNTARA (ALCÂNTARA, 1963) para o concurso de Cátedra de História de Enfermagem e Ética, com o trabalho denominado "A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: Obstáculos a sua expansão na Sociedade Brasileira", na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

O terceiro foi por ocasião da realização do

---

\* ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM - *Relatório Final do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil - 1956/1980.* Brasília, 1980.

XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem realizado em Salvador - BA., em 1964, cujo primeiro tema: "Enfermagem e Pesquisa" teve profunda repercussão entre a classe dos enfermeiros, sendo que inclusive a partir dessa data houve uma tomada de posição, onde os trabalhos de pesquisa passaram a constituir publicações mais efetivas da Revista Brasileira de Enfermagem.

Segundo ALMEIDA et alii (1981) "falar de produção de conhecimento e produção científica na enfermagem é tratar de assunto bastante recente, porquanto que a primeira escola de enfermagem do Brasil surgiu em 1923, enquanto que a institucionalização da profissão ocorreu em 1860, na Inglaterra.

Desta forma como afirma as autoras "se a profissão tem pouco mais de 50 anos, a produção científica é recentíssima, iniciando-se com os cursos de pós-graduação oriundos da reforma universitária Lei 5540/68".

Na opinião de OLIVEIRA (1964), "a pesquisa é o ponto chave para o progresso, onde encontramos as diretrizes para melhorar a assistência ao paciente e à sua família; para fazer melhor utilização dos nossos recursos e exploração das nossas funções e melhorar o rendimento dos nossos serviços".

Conforme SCHOLTFELDT apud HOSKINS (1979) "o objetivo primário da pesquisa em enfermagem é o desenvolvimento e refinamento das teorias de enfermagem organizado dentro de um corpo de conhecimento científico os quais servem

de guia para a prática".

O desenvolvimento de teorias em enfermagem é o instrumento norteador para a melhoria de qualidade da prática e da pesquisa.

HANSON (1971) assevera-nos que "a pesquisa existente dentro das normas do serviço revelaria não somente as áreas onde o registro das atividades não estão sendo usadas como também ineficiências que ameaçam a qualidade do cuidado prestado ao paciente".

O enfermeiro, desenvolvendo pesquisa, terá uma maior produtividade profissional, estará mais apto a abrir novos horizontes, realizando com isso um trabalho criador (VIEIRA et alii, 1971).

Conseqüentemente, como enfoca RODRIGUES (1980) "quanto mais enfermeiros conduzirem pesquisas na enfermagem, as descobertas serão estimuladas e as dúvidas esclarecidas, entre a enfermagem e outras disciplinas aplicadas".

Desta forma concordamos plenamente com MANZOLLI (1980) quando afirma que "os problemas encontrados em enfermagem não são resolvidos com algumas pesquisas ou pouca vivência na área de atuação, embora reconheça que cada pesquisa realizada contribui para chegar mais perto do 'ideal'".

Neste contexto, "a comunidade espera da enfermagem e esta, por sua vez, tem a obrigação moral e cívica de conduzir e realizar pesquisa em sua área ou de participar em pesquisas multiprofissionais" (HORTA, 1976).

SHELDON et alii apud FERREIRA-SANTOS (1964), refere que "sobre os ombros da pesquisa repousa a origem, o crescimento e a existência contínua de qualquer campo profissional, ou de qualquer campo na busca de profissionalização".

As próprias recomendações dos Congressos Brasileiros de Enfermagem, promovidos pela ABEn vêm solicitando aos enfermeiros para que desenvolvam pesquisas e que as instituições de ensino despertem nos estudantes o hábito pela pesquisa e que os chefes do serviço de enfermagem utilizem a pesquisa em seu trabalho com o objetivo de se obter elementos para sua avaliação.

No entender de SIMPSON (1971), a pesquisa em enfermagem deve estar continuamente em progresso e todo enfermeiro na sua própria especialidade deve estar familiarizado com os mais recentes conhecimentos.

A pesquisa vem se desenvolvendo de forma vagarosa, mas seu crescimento foi observado durante a década passada e é de se esperar que a pesquisa continuará a expandir quanto mais e mais enfermeiros se tornarão interessados e envolvidos em investigações como parte integrante de sua responsabilidade profissional. É neste sentido que PADILLA (1979) diz "o principal objetivo da organização do serviço de enfermagem deveria ser a integração da pesquisa com a responsabilidade do serviço". Esta é a nossa opinião pois os setores de atuação do enfermeiro são o ensino, assistência, pesquisa, administração e integração comunitária.

Segundo HAYES (1974), a carreira de pesquisador é uma atividade séria, requer educação em metodologia; análise e interpretação; treinamento rígido além de vocação intelectual e emocional.

Diante disto, concordamos com CARVALHEIRO (1979) quando assegura "fazer investigação científica não é apenas se portar como cientista anedótico".

Pronunciando-se a esse respeito, OLIVEIRA (1964) afirma: "por mais simples que seja a investigação; por mais inicial que seja o nível; requer do interessado um preparo todo especial; para a compreensão de uma conceituação clara do que é pesquisa; aprendizagem da metodologia; aprofundado conhecimento do assunto que deseja investigar; experiência e disponibilidade de tempo".

Ainda completa, "para ser pesquisador, não basta apenas o entusiasmo de fazer pesquisa, porque raramente, a investigação joga com um só ramo especializado do conhecimento, é lícito também e aconselhável ao investigador, procurar consultores para um ou outro aspecto de seu estudo".

Corroborando com o exposto HEIDGERKEN apud OLIVEIRA (1964) refere "não é preciso ser um gênio para ser pesquisador, mas é indispensável possuir qualidades intelectuais como: capacidade criadora; habilidade analítica; sensibilidade para problemas; curiosidade; capacidade de observação, além de paciência; persistência e boa saúde". Para alguns a não identificação destas qualidades podem constituir obstáculos.

Quanto a isto, HORTA (1976) aborda que "estes obstáculos não são, entretanto, razões suficientes para que os enfermeiros cruzem os braços e aguardem todas as condições favoráveis, pois temos a inteligência; vontade; criatividade; espírito de combatividade; paciência; persistência e muito amor pela enfermagem; iniciemos pois esta nova função social - PESQUISA".

Com o desenvolvimento das ciências médicas, com os avanços nos serviços de saúde e com o crescimento da instituição hospitalar, o enfermeiro que cuidava dos enfermos passou a ser elemento integrante de um vasto campo de atividades — A função do enfermeiro de ontem é muito diferente da função do enfermeiro de hoje, e podemos concluir que no futuro mudanças também ocorrerão (TREVIZAN, 1978).

Diante disso, na opinião de SILVA (1979), "as deficiências oriundas de uma formação pouco adequada, fazem com que o enfermeiro recém-saído dos cursos de graduação não assumam com desenvoltura a nova atitude científica de aplicação da metodologia do processo de pesquisa; dificulta o relacionamento com os demais membros da equipe de saúde, nas discussões de casos científicos profissionais.

Por outro lado, RODRIGUES (1980) faz uma observação bastante significativa, cita que os cursos de graduação em enfermagem não têm procurado dar aos seus alunos uma formação completa em metodologia da pesquisa, demonstrando, inclusive, uma maior preocupação em ministrar somente bioestatística.



Com a introdução daquela disciplina de enfermagem, o estudante, ao adquirir noções preliminares sobre a investigação científica poderá ter maior motivação e interesse nas suas atividades relacionadas à pesquisa, desde o princípio de sua vida profissional, inicialmente como consumidor e numa fase posterior poderá engajar-se em projetos de pesquisa.

Como afirma SELLTIZ et alii (1967) "mesmo que não se espere fazer uso específico do resultado de pesquisa no trabalho, em nossa época científica todos nós somos, sob muitas formas "consumidores" de resultados de pesquisa. Para empregá-los de forma inteligente, precisamos ser capazes de julgar a adequação dos métodos através dos quais foram obtidos".

Sobre esta ótica, RHODUS (1979) acredita "que está na hora das escolas de enfermagem assumirem a responsabilidade da formação de pesquisadores, oferecendo oportunidade e facilitando meios aos enfermeiros que mostrarem tendência para desenvolver essa atividade". Ainda nesta linha de pensamento OLIVEIRA (1964) acrescenta: "A escola de enfermagem deve ensinar o estudante a compreender a significação do método científico e a sua relação com a prática profissional, pesquisa e ciência, evitando assim o ensino baseado em regras e técnicas rigidamente estabelecidas, e também CIANCIARULLO (1979) manifesta-se assim: "a motivação para esse preparo deveria emergir a partir da graduação, sendo desenvolvida ao longo de sua formação".

Julgamos, portanto, ser importante que em to-

dos os serviços clínicos de um hospital deva haver comissão de pesquisa médica e de enfermagem, e que ambos estejam voltados para objetivos comuns, qual seja o de melhorar o cuidado ao cliente.

RONCÁGLIA et alii (1975) afirmaram "o recém-graduado no seu primeiro emprego tenta demonstrar suas capacidades, mas nem sempre a instituição lhe oferece condições propícias para o desenvolvimento das aptidões ainda latentes".

Por outro lado, quando as aptidões demonstradas pelo recém-graduado entram em conflito com as próprias expectativas, surge o que HOPP apud RONCÁGLIA et alii (1975) menciona "sempre que as necessidades e aspirações são esquecidas, as pessoas tendem a desenvolver uma atitude de resistência e antagonismo".

Desta forma não podemos deixar de listar tam**­**bém como dificuldade ao desenvolvimento da pesquisa em en­fermagem a "resistência à mudança". Por sua vez a própria vida é um "processo de mudança", portanto esse comportamen­to deve ser considerado como sendo natural na espécie huma­na, e em nosso caso particular no enfermeiro assistencial.

OLIVEIRA (1979) declara que "a prática de en­fermagem, ao longo deste meio sé­culo, foi assumindo diferen­tes contornos, como reflexo das práticas de saúde dominante­no país. Com isso muitas resistências terão de ser vencidas na conquista de novos espaços para os enfermeiros. Ainda menciona que é certo que a expansão do papel atual do en

fermeiro não ocorrerá sem conflitos com setores tradicionalistas, interessados na manutenção do "status quo".

A este respeito, WERLEY (1972) afirma "esse assunto deve dizer respeito não somente a enfermeiros pesquisadores, mas também a educadores e administradores, que devem examinar se as práticas em suas instituições impedem ou facilitam esse tipo de pesquisa".

A importância que se concede ao ensino, serviço e pesquisa dependerá da natureza, propósito e grau de desenvolvimento das instituições, pois somos da opinião de que existem limitações e dificuldades de diversas ordens para o desenvolvimento e aprimoramento da pesquisa em enfermagem, entre elas podemos citar as de ordem individual, institucional e profissional, as quais têm contribuído de forma negativa para o crescimento da profissão e melhoria da assistência de enfermagem.

Da mesma forma, SILVA (1979) acrescenta que não é possível ignorar que a própria filosofia de muitas instituições de saúde contribui para que o enfermeiro mantenha-se numa posição subsidiária quase total, pela limitação do desenvolvimento criativo do enfermeiro, além de maior ênfase ser dada às atividades médicas sem oferecer qualquer estímulo ao crescimento do enfermeiro na equipe de saúde. Relata também as condições inadequadas que oferecem, quanto aos recursos humanos, materiais e aprimoramento profissional do enfermeiro em cursos de pós-graduação. Como consequência disso resulta numa acomodação do profissional que se adapta às

proposições da instituição para se resguardar e manter o em prego.

Segundo CIANCIARULLO (1979), no Brasil, "além do mito de que os enfermeiros não têm tradição em pesquisa, há também um hiato entre o desenvolvimento teórico de idéias e a operacionalização institucionalizada com o objetivo de refletir na prática a produtividade do modelo ou estilo teórico".

A autora também menciona que em nosso meio, as pesquisas têm sido desenvolvidas sob forte pressão de tempo, título e/ou contrato, quando deveriam originar-se de problemas sentidos ou percebidos, que impedem a equipe de enfermeiros desenvolver um trabalho mais qualificado.

Por outro lado, também afirma que há insuficiência de pesquisa no campo da enfermagem, o que dificulta a resolução de problemas específicos e a determinação de políticas ajustadas ao desenvolvimento tecnológico, científico e cultural das ciências da saúde.

Outros fatores que poderíamos considerar como limitantes ao desenvolvimento da atividade de pesquisa em enfermagem residem na criatividade limitada; no custo elevado de qualquer investigação científica; no preparo de <sup>o</sup> pesquisador; na dificuldade ao acesso à literatura; na inexistência de laboratórios de pesquisas próprios para a enfermagem com recursos humanos, materiais e financeiros; na deficiência de orientadores em qualidade, quantidade e disponibilidade de tempo.

Ainda sobre este assunto, PAIM (1979) faz referência "ao insuficiente acesso à literatura que serve de base às fundamentações e à discussão de problemas de pesquisa. Ainda que em outros países há expressiva produção científica relativa à pesquisa em enfermagem, em nosso país não somente a produção está incipiente, como também os iniciados em pesquisa ressentem pela dificuldade ao acesso a esse material".

Prossegue, acrescentando a não divulgação de pesquisas já realizadas, serve de impedimento à continuidade de estudos sobre questões que eventualmente não tenham sido bem tratadas, e o mais sério é que permite a repetição desnecessária de temas, constituindo assim em redundância, pois não revelam a originalidade e a relevância esperadas das investigações científicas.

Recorda também que "uma outra limitação evidente à pesquisa em enfermagem no nosso país é a ausência de uma infraestrutura para a preparação de pesquisadores, pois esses não podem ser improvisados e sim preparados, necessariamente, a partir de fundamentação em cursos de graduação, o que só ocorrerá se houver apropriados cursos de pós-graduação; núcleos de pesquisa feitos por pesquisadores de reconhecida qualificação; bibliotecas atualizadas e altos níveis de articulação entre as instituições de ensino e as de saúde que prestem serviços à população. Diante disto, tais características nos cursos de pós-graduação representam uma limitação à pesquisa em enfermagem".

Convém salientar também que a pouca atenção da

da aos resultados de pesquisas já efetuados pode ser representado como uma limitação ao desenvolvimento da própria prática de pesquisa em enfermagem no nosso meio.

A esse respeito BOEMER (1976) menciona: "considerando que o número de pesquisas em enfermagem vem aumentando nos últimos anos, o enfermeiro utilizará os resultados das investigações no exercício de suas funções e/ou participará de projetos como membro de equipe".

Por sua vez o espaço entre a pesquisa e a prática de enfermagem vem sendo considerado como um obstáculo ao desenvolvimento da pesquisa em enfermagem, além do fato de que a utilização dos resultados é razoavelmente nova na enfermagem.

Neste aspecto, PADILLA (1979) afirma que o espaço entre a introdução do modelo escrito e sua operacionalização tem sido uma ponte muito difícil.

A pesquisa está às vezes sendo encarada como um fim em si mesma, isto é, seus resultados não estão sendo aplicados na prática. Diante de tal situação, os pesquisadores sentem-se frustrados, pois importantes achados na pesquisa em enfermagem não estão sendo utilizados. É provável que o não consumo se deva ao fato de os enfermeiros na assistência e/ou no ensino, geralmente estão sobrecarregados de trabalho, e apesar de preocupados com sua "educação continuada" estão mais voltados para o desempenho de funções específicas. Provavelmente, não podem contar com incentivos ou facilidades para o seu desenvolvimento, em relação à pesquisa" (RODRIGUES, 1980).

Ainda sobre este aspecto do problema PAIM (1979) cita que "embora seja justo e alguns membros da equipe de saúde já tenham esse direito assegurado dentro dos serviços de saúde, ainda lidam com sérias dificuldades no que toca à sua atualização e aperfeiçoamento profissional." Tal fato constitui uma expressiva limitação ao desenvolvimento da pesquisa em enfermagem. Além de que, estes enfermeiros não sabem da existência de recursos financeiros de agências financiadoras.

Um outro item que merece ser citado é que o aumento exagerado de pesquisa, talvez nos leve a correr o risco de cairmos na perda da qualidade.

Outro fator limitante que pode ser identificado é a percepção de muitos enfermeiros quanto ao processo de pesquisa consideram atividade fora de sua experiência, orçamento e da responsabilidade normal da organização do serviço de enfermagem.

LUGO apud CARVALHO & CASTRO (1979) "considera não muito feliz o ambiente existente entre enfermeiros docentes-assistenciais, e crê que ambos sentem que perderam "status". Por outro lado, a prioridade e a preferência dada aos docentes pelos cursos de pós-graduação, para fazer frente às exigências acadêmicas, provocaram um certo mal-estar no pessoal de serviço que, não tendo esta preparação, sentem-se relegados a um segundo plano".

ROOSEVELT apud CARVALHO & CASTRO (1979), nos legou o seguinte pensamento "Ninguém pode considerar -nos

inferiores sem nosso próprio consentimento".

O envolvimento de ambos docentes e enfermeiros assistenciais, na opinião de VODA (1971), é muito importante para o desenvolvimento de atividades de pesquisa em enfermagem. Enquanto perdurar esta dicotomia existente entre a universidade e a agência de serviço não haverá, de nenhuma maneira condições de se fazer uma boa pesquisa.

As informações recebidas devem permitir um livre jogo de opiniões e dentro de um marco lógico de possibilidade, realizar as atividades mais adequadas para o desenvolvimento dos programas de saúde, com uma verdadeira integração da administração: docência; assistência e pesquisa, evitando-se assim as contradições que podem surgir ao trabalhar de forma isolada em cada um destes campos.

Neste contexto acreditamos que educação e serviço integram-se e não podem ser compreendidas separadamente.

Em sua tese de livre-docência, MANZOLLI (1980) lembra que "a oposição entre ensino e serviço e mesmo entre pesquisa e serviço, ainda existente nos meios universitários, levando muito a se "fecharem" ou numa ou noutra atividade". E continua "esses desequilíbrios comprometem a atuação profissional, podendo acarretar perda da visão total de seu trabalho".

O ideal seria que ambos, enfermeiros docentes e assistenciais desenvolvessem pesquisas de enfermagem em conjunto. E como menciona VODA (1971) é importante tentar



iniciar, ter ambos professores e pessoal de serviço de enfermagem envolvidos no projeto e desenvolvimento da pesquisa em enfermagem.

Para PRICE & CHERNISS apud MANZOLLI (1980) "a pesquisa aliada ao serviço constitui aspecto importante a ser dispensado a um trabalho com a comunidade. Relatam ainda que são poucos os que funcionam em ambos os papéis, pois não ocorre o hábito de pesquisar, enquanto se trabalha nos meios profissionais".

Por sua vez, PAIM (1979) relata que "o tempo dedicado à investigação de enfermagem aponta um certo afastamento entre pesquisa e serviço e nota-se uma forte aproximação entre pesquisa e ensino".

Ao persistir esta descentralização, pode-se correr o risco de um maior distanciamento entre enfermeiros assistenciais e de ensino, causando com isso prejuízo para ambos e para a assistência de enfermagem.

Desta forma CINTRA apud BURLAMAQUE (1981) assegura que será muito difícil fazer boa pesquisa se o enfermeiro aceitar projetos e planos de outros para ele realizar somente trabalho material, aí ele será um técnico e não um cientista".

TREVIZAN (1978) em seu trabalho sobre atividades desempenhadas pelos enfermeiros - chefe de unidades de internação de um hospital-escola realizado em dois períodos de tempo, mencionou que em 1973 não houve participação do enfermeiro em atividades relacionadas à pesquisa; enquanto que

em 1976 os enfermeiros dispenderam uma média de 2,56% em atividades de ensino e pesquisa, sendo que as atividades de pesquisa estavam limitadas ao preenchimento de questionários que visavam à coleta de dados para uma docente.

Em estudo posterior TREVIZAN et alii (1981) verificaram que os enfermeiros assistenciais dispenderam apenas 0,08% de seu tempo em atividades de pesquisa.

Por sua vez BURLAMAQUE (1981) em seu estudo também encontrou que na função de pesquisa o enfermeiro não dedicou nenhum tempo a esta atividade.

Uma outra forma do enfermeiro estar envolvido na pesquisa é na "coleta de dados", mas como menciona OLIVEIRA (1964) "colher dados, na maioria das vezes, entretanto, pouco se sabe do projeto para o qual estão sendo colhidos e sem conhecer também a metodologia da investigação científica, não se apercebe do valor e importância de sua participação, que igualmente, não é notada por outros, seu nome nem ao menos figura no relatório como colaborador, sua participação entretanto poderá ser mais consciente e mais efetiva se tiver compreensão do que é pesquisa".

"O mais desagradável ainda é que os enfermeiros, quando se envolvem com pesquisas multidisciplinares na área de saúde, não participam nem da elaboração dos projetos nem da confecção dos relatórios, e por isso mesmo, não aprendem a metodologia pertinente, e não obtêm o crédito de co-autoria" (CARVALHO & CASTRO, 1979).

Os autores ainda chamam a atenção que se deve

começar pela investigação de problemas simples, para adquirir a prática para estudos mais complexos. Participando direta ou indiretamente na pesquisa, o importante é criar-se uma mentalidade nova na enfermagem, de que a devida afirmação profissional só ocorrerá, na proporção em que os próprios enfermeiros procurarem uma melhor delineação da ciência da enfermagem.

#### IV. METODOLOGIA

##### 1. DEFINIÇÃO DE TERMOS

Os serviços de saúde, objeto desta pesquisa, foram definidos segundo:

a) As "*Normas e Padrões de Construções e Instalações de Serviços de Saúde*", do Ministério de Saúde-Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde-Divisão Nacional de Organização de Serviços de Saúde, Brasília-D.F., 1978.

a.1 - *Hospital Estatal ou Para-Estatal* - Aquele que integra o patrimônio da União, Estado, Distrito Federal ou Município (pessoas jurídicas do direito público interno), autarquias, fundações instituídas pelo poder público, empresas públicas e sociedades de economia mista (pessoas jurídicas de direito privado);

a.2 - *Hospital de Ensino ou Hospital Universitário*: Hospital Geral com características e funções do Hospital de Base, utilizado por Escolas de Ciências como centro de formação profissional;

a.3 - *Hospital Especializado* - Aquele que se destina, predominantemente, a atender pacientes necessitados da assistência de uma determinada especialidade médica;

a.4 - *Hospital Privado ou Particular* - Hospital que integra o patrimônio de uma pessoa natural ou jurídica, de direito privado, não

*instituída pelo poder público;*

- a.5 - Hospital Beneficente - Aquele que integra o patrimônio de pessoa jurídica de direito privado, instituído e mantido por contribuições e doações particulares, destinado à prestação de serviços a seus associados e respectivos dependentes, cujos atos de constituição especificuem: sua clientela, a não remuneração dos membros da sua diretoria, a aplicação integral dos recursos na manutenção e desenvolvimento dos seus objetivos sociais e cujos bens, no caso de sua extinção, revertam a outras instituições do mesmo gênero ou ao poder público;*
- a.6 - Hospital Filantrópico - É o que integra o patrimônio de pessoa jurídica de direito privado, mantido parcial ou integralmente por doações, cujos membros diretivos e consultivos não são remunerados, pois este se propõe à prestação de serviços gratuitos à população carente em seus ambulatórios, reservando-lhe leitos, de acordo com a legislação em vigor, e permitindo também internamento gratuito, organizado e mantido pela comunidade, sendo os resultados financeiros revertidos exclusivamente aos custos das despesas de administração e manutenção;*
- a.7 - Posto de Assistência Médica - Estabelecimento de saúde para assistência médico-ambulatorial, sem serviços médicos especializados;*

a.8 - *Centro de Saúde - Unidade sanitária complexa, destinada a prestar assistência médico-sanitária à população, contando com ambulatório para assistência médica permanente;*

b) O "*Manual de Orientação*" - Assistência Médico-Sanitária - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1978.

b.1 - *Hospital Particular com Fins Lucrativos-Entidade mantenedora do estabelecimento particular, subvencionada ou auxiliada pelo poder público, com o fim de auferir lucro ou distribuir dividendos;*

c) O "*Decreto Nº 50.192*" de 13 de agosto de 1968, que dispõe sobre medidas para Reforma Administrativa da Secretaria de Estado dos Negócios de Saúde Pública.

c.1 - *Departamento Regional de Saúde (D.R.S.): Unidade de direção executiva, orçamentária e de planejamento;*

d) A "*Norma Administrativa*" A-Co nº 1 de 16/01/78, Decreto 7.555 de 09/02/76, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo. D.O.E.S.P., nº 12, de 18/01/78.

d.1 - *Distrito Sanitário - Órgão de atuação sub-regional, diretamente subordinado aos diretores das respectivas Divisões de Saúde (Divisões Regionais, Divisões São Paulo do D.R.S-1 e DEVALE), com atribuições de coordenação, supervisão e controle das atividades dos Cen*

*tros de Saúde, situados em suas respectivas áreas de jurisdição.*

## 2. CLASSIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Os serviços de saúde deste estudo foram classificados em: 1) *Hospital Estatal ou Para-Estatal* - Hospital de Ensino ou Universitário e Hospital Especializado; 2) *Hospital Privado ou Particular* - Hospital Particular com Fins Lucrativos, Hospital Beneficente e Hospital Filantrópico; 3) *Serviço Oficial de Saúde Pública* - Posto de Assistência Médica do Instituto Nacional de Previdência Médica e Previdência Social - INAMPS, Centro de Saúde, Distrito Sanitário e Departamento Regional de Saúde

## 3. POPULAÇÃO

A população deste estudo foi composta por enfermeiros assistenciais, atuando nos diferentes serviços de saúde de um município paulista.

Os dados foram coletados em 09 serviços de saúde, assim distribuídos: 02 hospitais estatais ou para-estatais, com 199 enfermeiros; 03 hospitais privados ou particulares, com 43 enfermeiros e 04 serviços oficiais de saúde pública, com 07 enfermeiros, perfazendo um total de 249 enfermeiros (Quadro 1).

Dos 249 enfermeiros, 110 participaram da pesquisa, sendo que 32 foram entrevistados (Quadro 2) e 78 responderam aos questionários (Quadro 3), representando, portanto, 44,2% do total dos enfermeiros de serviço existentes no município estudado.

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ENFERMEIROS NOS SERVIÇOS DE SAÚDE DE ACORDO COM SUA CLASSIFICAÇÃO

SERVIÇOS DE SAÚDE	CLASSIFICAÇÃO		Hospitais Privados ou Particulares		Hospitais Estatais ou Para-Estatais		Serviços Oficiais de Saúde Pública		TOTAL	%
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)				
1. Hospital de Ensino ou Universitário	-	-	196	78,71	-	-	196	78,71		
2. Hospital Especializado	-	-	03	1,20	-	-	03	1,20		
3. Hospital Particular com Fins Lucrativos	20	8,03	-	-	-	-	20	8,03		
4. Hospital Beneficente	18	7,23	-	-	-	-	18	7,23		
5. Hospital Filantrópico	05	2,00	-	-	-	-	05	2,00		
6. Posto de Assistência Médica do INAMPS	-	-	-	-	02	0,81	02	0,81		
7. Centro de Saúde de Ribeirão Preto	-	-	-	-	02	0,81	02	0,81		
8. Distrito Sanitário de Ribeirão Preto	-	-	-	-	02	0,81	02	0,81		
9. Departamento Regional de Saúde	-	-	-	-	01	0,40	01	0,40		
<b>T O T A I S</b>	<b>43</b>	<b>17,26</b>	<b>199</b>	<b>79,91</b>	<b>07</b>	<b>2,83</b>	<b>249</b>	<b>100,00</b>		



QUADRO 2 - ENTREVISTAS REALIZADAS COM ENFERMEIROS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE, DE ACORDO COM SUA CLASSIFICAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE	Hospitais Privados ou Particulares		Hospitais Estatais ou Para-Estatais		Serviços Oficiais de Saúde Pública		TOTAL	%
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)		
1. Hospital de Ensino ou Universitário	-	-	21	65,62	-	-	21	65,12
2. Hospital Especializado	-	-	1	3,12	-	-	2	3,12
3. Hospital Particular com Fins Lucrativos	4	12,50	-	-	-	-	4	12,50
4. Hospital Beneficente	1	3,13	-	-	-	-	1	3,13
5. Hospital Filantrópico	3	9,37	-	-	-	-	3	9,37
6. Posto de Assistência Médica do INAMPS	-	-	-	-	1	3,13	1	3,13
7. Centro de Saúde de Ribeirão Preto	-	-	-	-	1	3,13	1	3,13
<b>T O T A I S</b>	<b>8</b>	<b>25,00</b>	<b>22</b>	<b>68,74</b>	<b>2</b>	<b>6,26</b>	<b>32</b>	<b>100,00</b>

QUADRO 3 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS NOS ENFERMEIROS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE, DE ACORDO COM SUA CLASSIFICAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO SERVIÇOS DE SAÚDE	Hospitais Privados ou Particulares		Hospitais Estatais ou Para-Estatais		Serviços Oficiais de Saúde Pública		TOTAL	%
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)		
1. Hospital de Ensino ou Universitário	-	-	36	46,15	-	-	36	46,15
2. Hospital Especializado	-	-	02	2,57	-	-	02	2,57
3. Hospital Particular com Fins Lucrativos	16	20,51	-	-	-	-	16	20,51
4. Hospital Beneficente	17	21,79	-	-	-	-	17	21,79
5. Hospital Filantrópico	02	2,57	-	-	-	-	02	2,57
6. Posto de Assistência Médica do INAMPS	-	-	-	-	01	1,28	01	1,28
7. Centro Saúde	-	-	-	-	01	1,28	01	1,28
8. Distrito Sanitário	-	-	-	-	02	2,57	02	2,57
9. Departamento Regional de Saúde	-	-	-	-	01	1,28	01	1,28
<b>TOTAIS</b>	<b>35</b>	<b>44,87</b>	<b>38</b>	<b>48,72</b>	<b>05</b>	<b>6,41</b>	<b>78</b>	<b>100,00</b>

### 3.1 *Delineamento da amostra*

Os hospitais privados ou particulares e serviços oficiais de saúde pública contavam, na ocasião, com um total de 50 enfermeiros, dos quais 10 foram entrevistados e 40 responderam ao questionário.

No hospital especializado havia 03 enfermeiros, cujas participações ficaram assim distribuídas: 01 colaborou apenas na entrevista e 02 responderam ao questionário.

O hospital de ensino ou universitário, com 196 enfermeiros apresentava um número 5,6 vezes maior de enfermeiros em relação aos estabelecimentos privados ou particulares. Para que o *"número destes profissionais nos hospitais privados ou particulares fosse proporcionalmente igual ao número de enfermeiros do hospital de ensino ou universitário"* foi feita a estratificação de sua população. Para tanto, foi utilizado o "Processo de Seleção de Amostragem Probabilística Casual Simples", onde os enfermeiros foram previamente numerados, distribuídos dentro dos seus serviços e sorteados de acordo com uma "Tabela de Números Aleatórios".

Para efetuar esse processo foi utilizada a seguinte fórmula:

$$f = \frac{\Sigma E}{N}$$

onde:

$f = \text{fração amostral}$

$\Sigma_E = N^\circ \text{ de enfermeiros que responderam ao questionário nos hospitais privados ou particulares.}$

$N = N^\circ \text{ de enfermeiros do hospital de ensino ou universitário.}$

portanto:  $f = \frac{35}{196} = 0,178 \cong 0,18$

Uma vez obtida a fração amostral, ela foi multiplicada pelo número de enfermeiros previamente estratificados e numerados por serviços, o que possibilitou achar o total de 36 enfermeiros no hospital de ensino ou universitário, sendo, portanto, esse número proporcionalmente igual ao total dos 35 enfermeiros existentes nos hospitais privados ou particulares (Quadro 3).

#### 4. FASES DO TRABALHO

O trabalho em descrição foi desenvolvido em três fases. As fases 1 e 2 tiveram por objetivo auxiliar o pesquisador na definição do problema levantado, delineamento da metodologia, bem como fornecer dados necessários à elaboração do questionário, utilizado na fase 3, para a coleta dos dados.

##### 4.1 Entrevista (fase 1)

Foram realizadas 32 entrevistas informais com

enfermeiros, através das quais o entrevistador procurou colher os dados necessários para definir o problema, delinear as questões e a técnica a serem utilizadas para a coleta de dados. Nenhum método estatístico de seleção amostral foi aplicado nas entrevistas. Elas foram desenvolvidas de acordo com a disponibilidade de tempo do executor deste trabalho e dos enfermeiros. A princípio, o autor tinha em mente utilizar o roteiro da entrevista (Anexo 1), que servia de guia para a obtenção das informações desejadas; entretanto, como as entrevistas foram livres, os itens não obedeceram a uma seqüência previamente estabelecida, pois o que interessava era abordar todos os aspectos do problema a ser estudado.

Imediatamente após o término da entrevista, o autor registrava os dados obtidos.

4.2 *Levantamento de publicações de artigos de enfermeiros docentes, enfermeiros assistenciais e docentes assistenciais, na Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1961 a 1980.*  
(fase 2)

Nesta fase foram levantadas as publicações de artigos realizados por enfermeiros docentes, assistenciais e docentes assistenciais, com o objetivo de se fazer um estudo comparativo das publicações de trabalhos destes enfermeiros, na Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1961 a 1980.

Esta revista foi a escolhida por ser considerada, pelo autor, como a mais tradicional, a de maior divulgação entre a classe e a de edição mais antiga no país.

O período escolhido foi considerado significativo, pois nele ocorreram profundas mudanças na profissão do enfermeiro e dentre elas podem ser citadas: a profissão de enfermeiro ter passado a nível superior; a exigência de vestibular para o curso; a instalação de novos cursos de graduação em enfermagem; a criação de cursos de especialização, aperfeiçoamento e mestrado; a escolha do primeiro Tema " *Enfermagem e Pesquisa* " no XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em Salvador-BA, no ano de 1964; o aumento do número de vagas nas escolas de enfermagem; a Reforma Universitária, Lei 5.540/68; a criação do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem - CEPEn; a realização do Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, em Ribeirão Preto-SP, em 1979; a divulgação dos volumes I e II da publicação " *Informações Sobre Pesquisas e Pesquisadores em Enfermagem* " e, principalmente, por ter sido um período que apresentou um aumento considerável de publicações sobre enfermagem.

#### 4.3 Questionário (fase 3)

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário (Anexo-2), contendo perguntas abertas e fechadas, sendo que o mesmo foi preenchido pelos próprios enfermeiros assistenciais.

A escolha deste instrumento foi feita com o intuito de proporcionar aos enfermeiros a manifestação livre de suas opiniões e expectativas a respeito de sua contribuição para o desenvolvimento da pesquisa em enfermagem.

#### 4.3.1 *Teste do instrumento*

O questionário foi aplicado, para teste, em dois grupos distintos, com o objetivo de determinar sua clareza e compreensão e também para que possíveis dúvidas fossem sanadas. O autor teve também a preocupação de verificar a operacionalização deste instrumento antes de sua aplicação definitiva.

Do primeiro grupo participaram 13 docentes de escolas de enfermagem, matriculados em Curso de Pós-graduação, nível mestrado, porém com experiências anteriores em serviços de enfermagem, pois este foi um pré-requisito estabelecido pelo pesquisador para efetuar o teste.

Após o primeiro teste, o questionário foi reformulado para a etapa seguinte.

Efetuada as modificações necessárias, o segundo grupo, que era composto por 10 enfermeiros assistenciais, participou do outro teste do questionário. Estes enfermeiros já haviam participado das entrevistas iniciais (fase 1) e dentre estes 10, 06 desenvolviam atividades em hospital estatal ou para-estatal; 03 em hospital privado ou particular e 01 em serviço oficial de saúde pública. Foi feita a inclusão destes mesmos enfermeiros na aplicação do segundo teste, em virtude do número reduzido de enfermeiros nos hospitais privados ou particulares e serviços oficiais de saúde pública, pois se o questionário fosse aplicado em um grupo diferente, reduzir-se-ia ainda mais a população a ser estudada.

Após terem sido testado nestes dois grupos, o questionário foi considerado como *adequado* pelo autor, para a aplicação final.



## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. ENTREVISTAS

A realização das entrevistas teve por objetivo delinear a situação-problema; estudar os fatores facilitadores e restritivos para o desenvolvimento e aplicação, de pesquisas em enfermagem, junto aos enfermeiros engajados nos serviços de enfermagem dos hospitais estatais ou para-estatais, hospitais privados ou particulares e serviços oficiais de saúde pública; elaborar os procedimentos do trabalho em estudo; definir a utilização da metodologia da pesquisa, bem como elaborar o questionário baseado em dados concretos os quais viessem ao encontro da nossa realidade.

Foram realizadas 32 entrevistas informais, com enfermeiros assistenciais que ocupavam diferentes cargos ou funções administrativas, tais como: enfermeiro, enfermeiro-chefe e o chamado " staff " de enfermagem.

A análise dos dados obtidos nestas entrevistas permitiu visualizar a realidade do estudo proposto; selecionar as informações coletadas para a realização do trabalho de pesquisa e corrigir as possíveis falhas que surgissem na elaboração deste trabalho.

Através da observação feita na análise das entrevistas foi possível verificar que todos os enfermeiros assistenciais foram unânimes em considerar: a pesquisa como um instrumento de suma importância para a profissão de enfermeira

gem; que o serviço de enfermagem é um excelente campo para o seu desenvolvimento; que ela contribui para melhorar a prática e o serviço; que a pesquisa proporciona novos conhecimentos, e aliada ao serviço constitui-se numa arma que levará a profissão a se firmar no futuro.

Os enfermeiros assistenciais consideram que nem todos devem ser pesquisadores em suas unidades, e este mesmo fato foi também mencionado por CHATER (1975). Estes enfermeiros acreditam que o hábito de fazer pesquisa é muito pessoal, mas àqueles que demonstrarem interesse, motivação e aptidão os serviços de saúde deveriam proporcionar condições para o desenvolvimento dessas habilidades, embora não admitam que somente os enfermeiros com cargos hierarquicamente superiores é que devam fazer pesquisas.

Em contraste a este fato, ainda CHATER(1975) afirma que os enfermeiros em posição de liderança, frequentemente relatam pesquisas e selecionam resultados, com bases nos quais modificam as práticas de enfermagem.

Contudo, a vivência tem mostrado que nos diversos serviços de saúde estudados, os enfermeiros nas posições de liderança não vêm desenvolvendo e nem estão fazendo uso dos resultados das pesquisas realizadas. É evidente que a qualidade da prática de enfermagem está relacionada com a produção de conhecimentos, desde que esta produção, seja aplicada à prática; mas por outro lado, a ocorrência de um número elevado de pesquisas sem a preocupação com a qualidade destes trabalhos, em nada contribuirá para a prática.

ca da profissão, uma vez que não houve produção de novos co  
nhecimentos.

Em nenhum dos serviços visitados existe um núcleo de pesquisa em enfermagem, embora no regulamento de alguns deles conste a recomendação aos enfermeiros para pro  
gramar, orientar, colaborar, coordenar e executar pesquisa em enfer  
magem na sua unidade e auxiliar no trabalho de outros pesqui  
sadores. Face a isto, ANGERAMI & ALMEIDA (1982), afirmam que  
"na área da ciência da saúde o desenvolvimento científico de  
ve ser conseguido em centros de pesquisas, universidades, hos  
pitais-escolas, hospitais de prestação de assistência, cen  
tros de saúde e outras instituições governamentais e parti  
culares, desde que tenham em seus objetivo a realização de  
pesquisa".

Uma outra dificuldade encontrada nos servi  
ços de enfermagem, com relação à produção de trabalhos de pes  
quisa realizados por enfermeiros, foi a inconstância deste  
profissional nas unidades de serviço. A quebra da continui  
dade das atividades do enfermeiro numa determinada unidade  
se deve a rotatividade dos plantões, a demissões, licenças,  
faltas e afastamentos. Assim, quando o enfermeiro sente-se mo  
tivado a desenvolver uma pesquisa e faz uma programação, es  
ta poderá ser prejudicada pelos con  
tratempos acima menciona  
dos.

Outra questão que foi considerada com des  
taque pelos enfermeiros, é o fato de encontrarem envolvidos  
com tantas atividades que às vezes convivem com os proble-

mas de enfermagem, mas não são capazes de os perceber, enquanto que os pesquisadores com suas experiências os identificam mais facilmente e são capazes de transformar esses problemas em trabalhos de pesquisa.

O fator "tempo" também foi citado pelos enfermeiros assistenciais como um entrave à produção de trabalhos, apesar de muitos considerarem que, se quisessem, conseguiriam desenvolver pesquisas. Com relação ainda ao tempo, POOLE (1970) critica os enfermeiros que citam a frase: "Eu não tenho tempo suficiente". Este autor conclui que tais profissionais referem não ter tempo por estarem entregues ao cumprimento de rotinas rígidas, uma vez que suas práticas não estão baseadas em recentes descobertas científicas. HORTA (1975) também encontrou o fator "tempo" como a queixa mais freqüente, quando os enfermeiros dizem: "nada é feito porque não há tempo".

Por tudo isso, o tempo pode realmente ser considerado como um entrave à pesquisa, mas o estudo feito por FERREIRA-SANTOS & MINZONI (1968) mostra que a falta de planejamento é a principal causa do desordenamento nos serviços e isso pode propiciar desperdício de tempo. Esta situação ainda se agrava, quando os enfermeiros desenvolvem tarefas que não lhes competem.

O presente estudo, com base nos levantamentos, parece revelar que o serviço de enfermagem do hospital estatal ou para-estatal vem se estruturando para desenvolver a área de pesquisa, e os enfermeiros assistenciais já estão sen

do motivados para essa atividade, pois em suas reuniões internas esse assunto vem sendo bastante ventilado, estando alguns grupos já despertados para isso.

Os enfermeiros entrevistados nos serviços de enfermagem dos hospitais privados ou particulares, com raras exceções, são sócios da Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn, não recebem e não lêem regularmente os periódicos editados pela referida entidade. Nos hospitais estatais ou para-estatais e serviços oficiais de saúde pública, os enfermeiros, em número considerável, encontram-se nas mesmas condições dos primeiros e alegaram que a ABEn, no município estudado, promove poucos cursos, e mencionaram ainda que nos serviços de enfermagem estes cursos são inexistentes.

Ficou também comprovado, através desta pesquisa, que os enfermeiros não têm o hábito de adquirir livros; são raríssimos aqueles que os compram, e quando o fazem procuram somente os específicos e os de extrema necessidade. Um outro fator negativo é a inexistência de biblioteca, para consulta, nos serviços de enfermagem.

A não participação destes profissionais em "*Programas de Educação Continuada*" foi considerada pela população pesquisada como um sério obstáculo à qualificação dos enfermeiros assistenciais, pois uma das metas do serviço de enfermagem deve ser o preparo adequado de seus recursos humanos para que eles possam desenvolver adequadamente suas habilidades.

DIERS (1977) ao verificar o papel da educa

ção continuada na promoção de pesquisa na prática de enfermagem, refere que um motivo que leva os enfermeiros assistenciais a desenvolverem pequena quantidade de pesquisas na prática resume-se no seguinte: "existe uma sensação de que os pesquisadores são tão etéreos e irreais que os enfermeiros não querem manter contato com eles e muito menos com os resultados de seus trabalhos". A autora ainda menciona que há uma certa verdade nisto, mas que o simples fato de criticar em nada ajudará; ao contrário, os enfermeiros assistenciais deveriam aproveitar toda oportunidade para participarem de pesquisas conduzidas por outros. Esta é segundo a autora, a única maneira de assegurar que a pesquisa tenha aplicabilidade ao mundo real, além de fazer com que os tópicos estudados e métodos usados tenham um potencial capaz de melhorar a qualidade do cuidado ao paciente.

A ausência de programas de educação continuada tem preocupado os enfermeiros entrevistados, pois os serviços exigem que prestem boa assistência de enfermagem; no entanto, não existe preocupação por parte destes serviços com a qualificação de seus enfermeiros, de modo que os pacientes sejam beneficiados por uma prática e por uma assistência de melhor qualidade.

Enfim, os enfermeiros assistenciais consideram a sua não participação em "*Programas de Educação Continuada*" como uma das grandes forças desestimuladoras para o desempenho de suas atividades, para o crescimento intelectual da classe, para a melhoria do serviço e da prática da enfermagem. Es

tes profissionais referem que estão se sentindo marginalizados no que tange à aquisição de novos conhecimentos e o que se tem observado, ultimamente, é que alguns enfermeiros assistenciais do hospital de ensino ou universitário, devido às suas características, estão participando dos cursos de pós-graduação em nível de mestrado, como alunos regulares ou isolados. Tais participações não podem, porém, prejudicar o cumprimento do seu horário de trabalho, onde as horas utilizadas para estudo devem ser repostas. Assim, apesar de todas essas dificuldades, tem se notado uma abertura nesta área, com a preocupação da qualificação de seus profissionais.

A integração ensino-serviço foi considerada pelos enfermeiros bastante aquém do esperado. Foi dito que, infelizmente, ela só funciona teoricamente, e, quando existe, é de forma pessoal, levando a crer que as barreiras existentes têm prejudicado muito ambas as partes. Analisando este aspecto SANTOS (1975) menciona que, no caso particular da enfermagem, a separação entre ensino e serviço vem acarretando problemas, os quais crescem complexamente com o passar do tempo, trazendo sérias conseqüências, tanto para as escolas de enfermagem como para os serviços de saúde.

Um outro aspecto do problema, e que tem sido causa de aborrecimento para o pessoal assistencial, reside no fato de que muitos docentes-pesquisadores apenas criticam em seus trabalhos os serviços dos quais se servem, mas nada fazem de concreto para promoverem mudanças, na tentativa de eliminar as falhas existentes naqueles serviços.

Os enfermeiros assistenciais informaram ainda que temem expor suas idéias aos docentes, pois estes podem transformá-las em futuros trabalhos de pesquisa, sem solicitarem a colaboração destes enfermeiros. Esse fato é considerado também como entrave à pesquisa, pois interrompe a progressão de idéias e limita a produção do conhecimento.

A maioria dos enfermeiros entrevistados não se considera apta a desenvolver trabalhos de pesquisa, pois julgam que a limitação dessa aptidão está ligada ao fato de as escolas e o serviço de enfermagem não oferecem curso de metodologia da pesquisa.

Por outro lado, os enfermeiros formados há vários anos informaram que anteriormente as escolas de enfermagem não enfatizavam a pesquisa; atualmente na prática observa-se que esporadicamente alguns resultados de pesquisa são utilizados. Um dos fatores determinantes desta situação é a falta de preparo do enfermeiro para esta visão da profissão; assim sendo, quando ele aplica um resultado de pesquisa, geralmente o faz sem saber a procedência da informação e muito menos da metodologia utilizada.

A esse respeito, TREVIZAN et alii (1981), afirmam que "se a instituição oferecesse condições e exigisse a elaboração de trabalhos científicos, os enfermeiros as sistenciais iriam em busca dos conhecimentos que lhes faltam e, conseqüentemente, sentiriam-se mais motivados para a realização de pesquisas".

A pergunta feita à população, referente à



escolha de orientador para o desenvolvimento de pesquisa também merece ser considerada, por se pensar talvez que todos os consultados optassem para que a orientação fosse feita por enfermeiros.

Grande parte dos entrevistados informou que procuraria os médicos para orientadores, pelo fato de os considerarem mais capacitados, por trabalharem mais tempo junto ao enfermeiro, por se identificarem melhor e por estarem sempre ao seu lado, quando necessitam ajuda.

Quanto à procura de docentes de enfermagem para orientação de trabalhos de pesquisa, os enfermeiros assistenciais informaram que estes profissionais só aparecem nas unidades de serviço na época dos estágios de graduandos de enfermagem, quando estão fazendo alguma pesquisa e quando os enfermeiros assistenciais os procuram, raramente são encontrados. Uma outra dificuldade apontada é que não se permite ao enfermeiro assistencial deixar sua unidade, durante o horário de trabalho, para manter contato com docentes, os quais ficam, geralmente, nas escolas de enfermagem.

Os enfermeiros consultados consideram que a pesquisa efetuada pelos enfermeiros assistenciais tem mais chance para aplicação imediata, por estarem envolvidos com os problemas que ocorrem no dia-a-dia. Eles consideram que os problemas existentes nas unidades são de caráter mais práticos, motivo pelo qual criticam os docentes por considerá-los muito teóricos, e por considerarem que seus trabalhos de pesquisa não têm aplicação prática.

Ficou evidenciado, inclusive, que os enfermeiros não se conformam com o fato de um docente levar anos para concluir uma pesquisa, e futuramente ela não ter nenhuma aplicação prática, nem continuidade. Os enfermeiros referiram ainda que muitos docentes de enfermagem desenvolvem pesquisas por exigências acadêmicas, *status* e até mesmo por uma melhoria salarial.

A esse respeito, VIEIRA (1980) também afirma que a pesquisa tem sido mais enfatizada pelos enfermeiros docentes, talvez por pressão das próprias exigências acadêmicas, fazendo crer que este seja, possivelmente, o motivo de os docentes apresentarem maior número de trabalhos em enfermagem.

Devido às dificuldades e implicações citadas, os enfermeiros assistenciais não têm acompanhado o desenvolvimento da pesquisa em enfermagem no Brasil e eles se consideram bastante marginalizados neste aspecto. É rara a aplicação de resultados de pesquisas nas unidades de serviço, pois este fato está estreitamente ligado à aceitação do próprio pesquisador dentro do serviço de saúde a que está ligado.

## 2. LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

A realização desta segunda fase constou do levantamento das publicações de artigos, na Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1961 a 1980, por enfermeiros docentes, enfermeiros assistenciais e enfermeiros docentes-assistenciais. Esta revista foi escolhida por ter sido considerada a mais tradicional, a de maior divulgação entre a classe dos enfermeiros e por ser a de edição mais antiga no país. VIEIRA (1980) em seu estudo também optou por esta revista pelos mesmos motivos.

O levantamento de publicações de artigos compreendem então um período de 20 anos.

Foram computados 596 publicações, sendo 362 (60,7%) efetuados por enfermeiros docentes, 196 (32,9%) por enfermeiros assistenciais e 38 (6,4%) por enfermeiros docentes - assistenciais (Quadro 4).

Não foram incluídos na amostra as publicações de artigos realizados por outros profissionais da área de saúde, como médicos, nutricionistas, psicólogos, sociólogos, administradores e outros. Não foram incluídos também trabalhos publicados por conferencistas estrangeiros, enfermeiros convidados para Congressos Brasileiros de Enfermagem ou outros encontros. Nos casos em que apareceram trabalhos com um ou mais autores, a escolha recaiu no nome que estava em primeiro lugar, na lista dos autores da pesquisa.

QUADRO 4 - EVOLUÇÃO DE PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS FEITOS POR ENFERMEIROS, SEGUNDO SUA ATIVIDADE, NA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, NO PERÍODO DE 1961 a 1980

A N O	Enfermeiros Docentes	Enfermeiros Assistenciais	Enfermeiros Docentes e Assistenciais	TOTAL
1961	05	06	01	12
1962	15	02	-	17
1963	12	12	02	26
1964	12	17	01	30
1965	16	06	04	26
1966	16	14	02	32
1967	11	12	-	23
1968	21	11	02	34
1969	04	03	-	07
1970	14	07	02	23
1971	26	19	02	47
1972	31	09	01	41
1973	27	07	-	34
1974	19	11	03	33
1975	24	11	01	36
1976	30	11	03	44
1977	13	09	01	23
1978	26	11	04	41
1979	22	10	06	38
1980	18	08	03	29
TOTAIS	362	196	38	596

Um aspecto especial que mereceu ser citado é o da dificuldade encontrada, por ocasião do levantamento, na identificação da função principal exercida pelos autores: se enfermeiro docente, assistencial ou ambas. Foram encontradas as seguintes referências: sócia da ABEn; sem identificação; comissão de seguimento; professora; citação de vários cargos ou funções, o que dificultou a definição da função principal que desempenhavam. Convém salientar aqui, que estas dificuldades foram mais acentuadas no período de 1961 a 1970 do que no de 1971 a 1980.

VIEIRA (1980) em seu estudo, efetuado no período de 1960 a 1979, também refere ter encontrado dificuldades para analisar os trabalhos apresentados na Revista Brasileira de Enfermagem, onde 78,4% dos autores docentes não informava o seu nível funcional; também nos Anais de Enfermagem a autora menciona que 47,8% das publicações não continha essa mesma informação.

No levantamento efetuado (Gráfico 1) no período de 1961 a 1970, pode ser notado que em 05 anos os artigos publicados foram quase que equivalentes entre os enfermeiros docentes e assistenciais; em 04 anos as publicações pelos docentes foram superiores, sendo que, no último ano do período, as publicações efetuadas por enfermeiros assistenciais mostraram-se superiores. Nesse mesmo período, as publicações efetuadas por enfermeiros docentes-assistenciais foram sempre inferiores aos demais enfermeiros, dando uma média de 1,4 trabalhos por ano.

Gráfico 1

Evolução de publicações de artigos por enfermeiros docentes, assistenciais e docentes-assistenciais na Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1961 a 1980.



Já no segundo período, 1971 a 1980, houve predominância de publicações de artigos realizados por enfermeiros docentes, ocorrendo uma acentuada elevação de publicações a partir de 1971, conforme pode ser observado no Gráfico 1. Neste mesmo período a produção de artigos pelos enfermeiros do-centes-assistenciais continuou sendo inferior, mas mesmo as-sim ela mostrou um aumento considerável em relação ao perío-do anterior, dando uma média de 2,4 trabalhos por ano.

NOGUEIRA (1982) em seu estudo, analisando "*A Pesquisa em Enfermagem no Brasil-Retrospectiva Histórica*", também encontrou que na década de 70, com a reforma universitá-ria e a implantação de cursos de pós-graduação na região su-deste do país a pesquisa em enfermagem sofreu grande impulso. Em sua documentação encontrou uma média de 1,4 pesquisas por ano, no período de 1950 a 1969; na década seguinte, a média foi de 42,0 ao ano, inclusive com os trabalhos em andamento que constam dos relatórios dos cursos de pós-graduação em enfermagem.

VIEIRA (1980) em estudo semelhante, no perío-do de 1960 a 1979, também achou predominância na área de do-cência, seguida pelos enfermeiros da área assistencial. Assim, na Revista Brasileira de Enfermagem, esta autora encontrou : os docentes como autores em 58,7% das publicações; seguidos pe-los enfermeiros assistenciais com 17,7%; enquanto os enfer-meiros que atuavam em cargos de administração em geral apare-ceram com 8,3% e os docentes-assistenciais com 7,1% trabalhos.

Neste estudo, os artigos publicados por en-

fermeiros docentes 362 (60,7%) e enfermeiros docentes-assistenciais 38 (6,4%) tiveram resultados bastante semelhantes aos encontrados por VIEIRA (1980), enquanto que para os enfermeiros assistenciais 196 (32,9%), o autor deste trabalho obteve resultado com relevante diferença do mencionado pela autora.

Concluindo, foi observado que o incremento à pesquisa em enfermagem no Brasil se deu a partir da década de 70, podendo ser destacado como fator principal, a implantação dos cursos de pós-graduação. O fato de ter sido encontrado o maior número de artigos publicados por enfermeiros na área de docência é justificado pela exigência acadêmica que solicita a elaboração de trabalhos de pesquisa e pela conclusão do curso de pós-graduação, o que vai de encontro com o que diz ALMEIDA et alii (1981) "a produção de conhecimento científico em enfermagem está intimamente ligada aos cursos de pós-graduação".

### 3. QUESTIONÁRIO

A análise das questões respondidas pelos 78 enfermeiros dos 9 serviços de saúde revelou que os enfermeiros nos serviços a que estão vinculados, ocupam cargos ou funções com diferentes denominações, conforme mostra o Quadro 5.

A diferenciação nominal segundo informações obtidas nos próprios serviços reside na função administrativa desempenhada; no grau de competência; nas atribuições; carga horária; turno de trabalho ou faixa salarial.



QUADRO 5 - DENOMINAÇÃO DOS CARGOS OU FUNÇÕES OCUPADOS PELOS ENFERMEIROS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE ESTUDADOS.

CARGOS E FUNÇÕES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Enfermeiro</i>	50	64,10
<i>Enfermeiro chefe</i>	18	23,10
<i>Enfermeiro chefe do serviço de enfermagem</i>	05	6,40
<i>Enfermeiro assistente técnico de direção</i>	02	2,56
<i>Enfermeiro distrital de saúde pública</i>	02	2,56
<i>Enfermeiro inspetor de saúde pública</i>	01	1,28
<b>T O T A I S</b>	78	100,00

No Quadro 5 visualiza-se que do total de enfermeiros, o maior percentual em relação ao cargo ou função está representado pelo enfermeiro 50 (64,10%), seguido pelo enfermeiro chefe 18 (23,10%), para o enfermeiro chefe do serviço de enfermagem obteve-se 05 (6,40%), já para o enfermeiro assistente técnico de direção e enfermeiro distrital de saúde pública representando-se 02 (2,56%), respectivamente para cada cargo ou função, enquanto que para o enfermeiro inspetor de saúde pública encontrou-se apenas 01 (1,28%).

A diferenciação funcional encontrada entre o enfermeiro chefe e o enfermeiro chefe do serviço de enfermagem reside nos seguintes aspectos: o primeiro é responsável pelo planejamento, coordenação, orientação e supervisão das

atividades técnico-administrativas em um dos setores do serviço de enfermagem, enquanto que o segundo desempenha o papel de coordenação das atividades técnico-administrativas de todo o serviço de enfermagem do hospital.

Ainda no estudo foi possível constatar que o grande número de enfermeiros e enfermeiros chefes exercem atividades tanto na área de assistência como na área administrativa, enquanto que os enfermeiros representando o "staff" de enfermagem desenvolvem atividades mais de caráter administrativo, quer nos hospitais estatais ou para-estatais, como nos hospitais privados ou particulares.

Vários estudos têm sido realizados a esse respeito, entre eles ALVIN et alii (1966); SOUZA et alii (1968); CASTRO et alii (1970); TREVIZAN (1978) e REGENIN (1979) encontraram que os enfermeiros dedicam a maior parte do seu tempo em atividades na área administrativa. Por outro lado CINTRA (1979); BALIELO (1981); NERY (1981) e BURLAMAQUE (1981) encontraram em seus estudos que os enfermeiros desenvolvem suas atividades mais na área assistencial.

Diante de tais dados é possível supor que os enfermeiros de hoje estão mais conscientes de que uma das suas principais funções reside na área assistencial, ou considerando que estes estudos utilizam diferenciação de funções independentes, ao mesmo tempo padronizam as nomenclaturas, podem apresentar resultados diferentes, mas a essência sendo a mesma.

No entanto, ainda hoje, embora se fale muito

do papel na assistência de enfermagem, parece que o foco do trabalho do enfermeiro realizado e valorizado é a função administrativa. Haja visto quanto mais alto o cargo a nível de "staff", mais longe do paciente, o mesmo ocorrendo com os salários percebidos.

Todos os enfermeiros trabalham em regime da Consolidação das Leis do Trabalho - C.L.T., numa carga horária compreendida de quatro a dez horas por dia, percebendo de 1,43 a 8,07 salários mínimos\*. O turno de trabalho compreende manhã, tarde, vespertino e noite.

Os enfermeiros e enfermeiros-chefe dos hospitais estatais ou para-estatais exercem atividades de enfermagem, durante as 24 horas do dia, numa jornada de trabalho de 6,40 a 8,00 horas por dia, durante sete dias da semana, perfazendo 40 horas semanais. O turno de trabalho compreende os da manhã, tarde, vespertino e noite, no sistema de rodízio de trabalho, atuam inclusive aos sábados, domingos e feriados.

Tais enfermeiros têm direito assegurado de folgas durante a semana, quando trabalham aos domingos e feriados. A faixa salarial destes enfermeiros varia de 3,88 a 4,72 salários mínimos.

---

\* Salário mínimo para os Estados do Sul, Sudeste e Distrito Federal, a partir de 01/05/82, no valor de cr\$ 16.591,20, sendo 39,1% de acordo com o I.N.P.C., dado divulgado pelo I.B.G.E. (Jornal "O Diário", Ribeirão Preto - S.P., 04/04/1982).

Os enfermeiros com cargo ou função hierarquicamente superiores, com atribuição de chefia ou liderança do serviço de enfermagem, o chamado "staff de enfermagem", representado pelo enfermeiro assistente técnico de direção, trabalham 8 horas por dia, perfazendo 40 horas semanais, nos turnos da manhã e tarde, perfazendo 8,07 salários mínimos. Apesar de não trabalharem nos fins de semana e feriados, estes enfermeiros ficam de prontidão ou à disposição dos serviços de saúde a que estão subordinados para serem convocados quando se fizer necessário.

A jornada de trabalho do enfermeiro, a qual cobre o hospital durante as 24 horas do dia, através de rodízio de turnos, tem sido questionada. CARVALHO & CASTRO (1979) asseveram ser o enfermeiro o único profissional da área de saúde a permanecer tal período na assistência do doente, mas questionam como ele é percebido pelos pacientes, por seus acompanhantes, pelos profissionais de plantão, pelo pessoal de enfermagem e perguntam se sua presença representa segurança e/ou é apenas percebida como fator controlador?

Será que o enfermeiro está colocando sua função principal, que é a assistência, como prioritária, ou está sendo um elemento manipulado pela empresa, ali colocado, apenas para que as ordens e rotinas sejam cumpridas? A resposta a esta questão poderá aclarar as crises que a profissão tem apresentado.

No caso particular do hospital especializado, considerado estatal ou para-estatal, os enfermeiros traba-

lham 8 horas por dia, durante os cinco dias da semana de segunda à sexta-feira, sendo que nos sábados, domingos, feriados e plantão noturno este hospital não dispõe de enfermeiros. A jornada de trabalho compreende 40 horas semanais e a faixa salarial variou de 2,79 a 2,91 salários mínimos. Nos dias em que não há enfermeiro de plantão, o serviço de enfermagem fica sob a responsabilidade de auxiliares de enfermagem e nos casos graves é chamado o médico de plantão.

Quanto aos enfermeiros dos serviços oficiais de saúde pública representado pelo enfermeiro, enfermeiro distrital e inspetor de saúde pública, com carga horária de trabalho de 8 horas por dia, distribuídos nos cinco dias úteis da semana, também com jornada de trabalho de 40 horas semanais cuja faixa salarial variou de 2,77 a 3,39 salários mínimos.

Tais dados nos causaram uma certa surpresa ao compararmos a faixa salarial dos enfermeiros e enfermeiros chefes dos hospitais estatais ou para-estatais com os enfermeiros do serviço oficial de saúde pública, onde apesar de serem instituições estatais, com atribuições características de acordo com a clientela, apresentam divergência na faixa salarial.

Por outro lado, a grande maioria dos enfermeiros e enfermeiros chefes do serviço de enfermagem dos hospitais privados ou particulares trabalham em média 8 horas por dia, perfazendo 40 horas semanais, a faixa salarial ficou ao redor de 3,00 salários mínimos. Apesar disso encontramos enfermeiros com a mesma carga horária de trabalho com a faixa

salarial de 4,64 salários mínimos. Um outro, com 10 horas de trabalho diário, o mesmo sendo chefe do serviço de enfermagem, percebe 3,00 salários mínimos. Ainda nos foi possível observar que um outro enfermeiro chefe com 8 horas diárias de trabalho perfaz 6,38 salários mínimos. Encontramos também enfermeiros chefes com apenas 4 horas de trabalho por dia, perfazendo 3,19 salários mínimos. Não podemos deixar de mencionar que em outro hospital tanto o enfermeiro como o enfermeiro chefe do serviço de enfermagem, com 8 horas diárias percebem salários iguais, sendo 1,50 salários mínimos e um único enfermeiro encontrado com dois empregos, trabalha 4 horas por dia e percebe 1,43 salários mínimos.

Estes dados nos permitem verificar que nos hospitais privados ou particulares encontra-se a maior diferenciação salarial e carga horária de trabalho, entre cargos ou funções com atribuições semelhantes, levando-nos a crer que o profissional não tem merecido a devida valorização por parte dos serviços de saúde a que estão vinculados.

A análise comparativa entre os enfermeiros do chamado "staff de enfermagem" tanto dos hospitais estatais ou para-estatais como dos hospitais privados ou particulares, onde desempenham funções administrativas, carga horária e turno de trabalho semelhantes, a faixa salarial do primeiro grupo é superior ao do segundo.

Um outro aspecto que deve ser mencionado é que alguns hospitais privados ou particulares estudados não possuem estes profissionais nos turnos: noturno, domingo e fe-

riado, mas mesmo assim alguns destes hospitais têm enfermeiros que ficam de prontidão, mediante escala para serem chamados em casos de eventualidades. Durante estes períodos de ausência do enfermeiro, as chefias dos serviços de enfermagem ficam sob a responsabilidade de auxiliares ou técnicos de enfermagem.

Nestes serviços de saúde o quantitativo de enfermeiros é pequeno, onde o número de contratação de outros profissionais da equipe de enfermagem é sempre superior, sendo assim o espaço do enfermeiro como mencionam ANGERAMI & ALMEIDA (1982) "muitas vezes é ocupado ou substituído por pessoal não preparado e, portanto, mão-de-obra barata que não encarecerá os custos hospitalares e que fornecerá a não qualidade e quantidade de assistência".

Ainda a esse respeito OGUISSO & SCHIMIDT (1976) mencionam que a maioria dos hospitais não governamentais não dispõe do enfermeiro para prestar assistência de enfermagem direta ao paciente, sendo esta uma das primeiras características destes hospitais, isto é, a carência permanente de profissional não enfermeiro. Tal problema é considerado insolúvel pelo enfermeiro, pois a principal característica desta instituição de saúde é a obtenção do lucro. E como a contratação de enfermeiros implicaria em maiores gastos, estes são substituídos por elementos com menor preparo técnico-profissional, onde a eles são entregues atribuições e responsabilidade de competência dos enfermeiros.

Sobre este aspecto PICANÇO et alii (1972) ao

avaliar os serviços de enfermagem em doze hospitais, contratados pelo então Instituto Nacional de Previdência Social - INPS - na cidade de São Paulo, também verificaram que num total 1233 funcionários, que aproximadamente 66% do pessoal de enfermagem são representados por atendentes; 28,3% por auxiliares de enfermagem; 0,8% por obstetrizes; 0,2% por técnicos de enfermagem e apenas 4,7% por enfermeiros. Convém salientar aqui que apenas seis hospitais na época possuíam enfermeiros na chefia do serviço de enfermagem.

Dentre os nove serviços de saúde, objeto de estudo deste trabalho, apenas cinco possuem unidades de internação, totalizando 2447 leitos para 242 enfermeiros, representando assim uma proporção geral de 1:10,11 enfermeiro por leitos.

Aprofundando a análise, usando as classificações estabelecidas pelo autor, verificamos que para os hospitais estatais ou para-estatais com um total de 1279 leitos para 199 enfermeiros, obteve-se a proporção média de 1:6,42 enfermeiro por leitos. Nos hospitais estatais ou para-estatais, particularizando o hospital de ensino ou universitário com 564 leitos para 196 enfermeiros, obteve-se a proporção média de 1:2,87 enfermeiro por leitos. Enquanto que para o hospital especializado com 715 leitos para 3 enfermeiros obteve-se a incrível proporção de 1:238,33 enfermeiro por leitos (Quadro 6).

Nos hospitais privados ou particulares, com 1168 leitos para 43 enfermeiros obteve-se a proporção de 1:27,16



enfermeiro por leitos. Procedendo-se à particularização dos 3 hospitais incluídos nesta categoria encontrou-se: para o hospital particular com fins lucrativos, com 336 leitos para 20 enfermeiros, a proporção de 1:16,80 enfermeiro por leitos; para o hospital beneficente com 340 leitos para 18 enfermeiros, a proporção de 1:18,88 enfermeiro por leitos e para o hospital filantrópico com 492 leitos para 5 enfermeiros encontrou-se a proporção de 1:98,40 enfermeiro por leitos, conforme mostra o Quadro 6.

Estes resultados precisam ser analisados, levando-se em consideração uma série de fatores que acreditamos possam alterar o dado aparente.

As proporções, na forma em que elas se apresentam, mascaram dados de suma importância para nossa análise.

Desta forma há outros aspectos que merecem ser abordados, pois nem todos enfermeiros prestam assistência de enfermagem direta ao paciente durante as 24 horas do dia, muitos desenvolvem atividades exclusivamente administrativas, representando o chamado "staff de enfermagem"; outros prestam cuidados de enfermagem ao paciente nas suas unidades de internação; outros exercem atividades em ambulatórios.

Por outro lado há pacientes que exigem maior tempo de assistência de enfermagem como nos casos graves; pós-cirúrgicos; em unidades de terapia intensiva, enquanto que os pacientes deambulantes requerem menos cuidados, tais características também devem ser consideradas para os hospi-

QUADRO 6 - NÚMERO DE LEITOS, NÚMERO DE ENFERMEIROS, NÚMERO DE TURNOS, NÚMERO DE LEITOS POR ENFERMEIROS, NÚMERO DE ENFERMEIROS POR TURNO E NÚMERO DE LEITOS POR TURNO POR ENFERMEIRO, DE ACORDO COM A CLASSIFICAÇÃO E SUB-CLASSIFICAÇÃO DOS HOSPITAIS ESTUDADOS.

CLASSIFICAÇÃO DOS HOSPITAIS	SUB-CLASSIFICAÇÃO DOS HOSPITAIS	Número de Leitos	Número de enfermeiros	Número de turnos	Número de leitos/enfermeiros	Número de enfermeiros/turnos	Número de leitos/turno/enfermeiros
Hospital Estatal ou Para-Estatal	- Hospital de Ensino ou Universitário	564	196	04	2,87	49	11,51
	- Hospital Especializado	715	03	03	238,33	1	715,00
Hospital Privado ou Particular	- Hospital Particular com Fins Lucrativos	336	20	03	16,80	6,66	50,45
	- Hospital Beneficente	340	18	03	18,88	6,00	56,66
	- Hospital Filantrópico	492	05	03	98,40	1,66	293,33
T O T A I S		2447	242	-	-	-	1130,00

tais privados ou particulares.

Sendo assim procedemos a uma análise mais profunda dos dados obtidos, onde estudamos particularmente o número de leitos; número de enfermeiros; número de turnos; número de leitos/enfermeiros; número de enfermeiros por turno e número de leitos/turno/enfermeiro nos serviços de saúde que possuem unidades de internação, conforme mostra o Quadro 6. Tais dados encontrados mostram-se bastante diferentes, tanto na proporção geral como na média obtida para cada unidade de internação, onde podem ser melhor visualizados através do Gráfico 2.

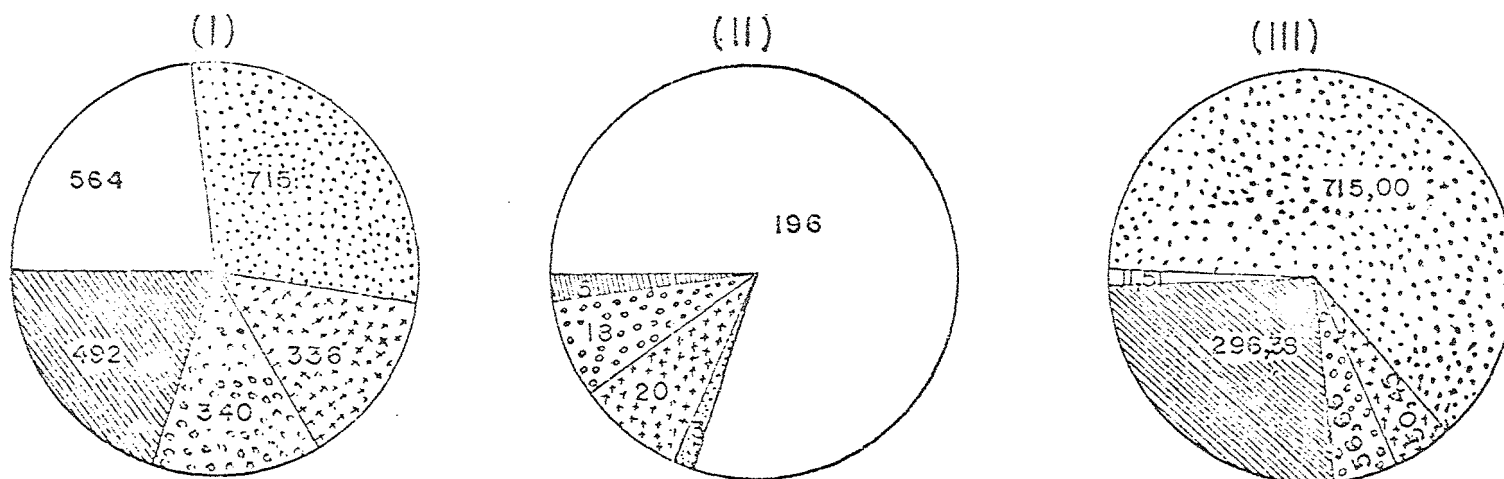
Diante destas demonstrações e da análise questionamos como podem os enfermeiros assistenciais administrar os serviços de enfermagem; prestar assistência de enfermagem a um número tão grande de pacientes e ao mesmo tempo estarem despertos para a pesquisa em enfermagem?

WAGNER (1980), em seu estudo sobre a Proletarização do Enfermeiro nos Estados Unidos da América, 1932/1946, afirma que em 1936 quando ocorreu uma reviravolta no desemprego, tornou-se virtualmente impossível o recrutamento de enfermeiros. Naquela ocasião os enfermeiros já consideravam o trabalho hospitalar pesado demais, horários muito longos, salários pequenos demais, citaram casos de fadiga e falta de qualquer oportunidade de aperfeiçoamento.

Como vimos, tais problemas vêm de há muito tempo imperando na profissão do enfermeiro, dificultando assim o seu pleno desenvolvimento técnico-profissional.

## Gráfico 2

Distribuição do número de leitos (I), do número de enfermeiros (II) e do número de leitos por turno e por enfermeiros (III) segundo as unidades de internação estudadas.



- Hospital de Ensino ou Universitário
- ▣ Hospital Especializado
- ▤ Hospital Beneficente
- ▥ Hospital Filantrópico
- ▦ Hospital Particular com fins lucrativos

Já os serviços oficiais de saúde pública com 07 enfermeiros esses dados não foram calculados por serem serviços de saúde que prestam assistência médico - ambulatorial e por não terem unidade de internação.

O estudo propiciou verificar que nossos enfermeiros têm uma sobrecarga de trabalho e funções, pelas quais nem sempre têm recebido um salário adequado às exigências profissionais. Mesmo assim as instituições de saúde exigem um nível de competência que deve ser adequado ao papel desempenhado e que apresenta uma diversificação que vai da assistência direta às atividades administrativas, também com uma competência que o desenvolvimento científico e tecnológico, exigindo, portanto, uma constante atualização.

A população em estudo tem um tempo amplo de formado como pode ser observado no Quadro 7.

QUADRO 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS ENFERMEIROS NOS SERVIÇOS DE SAÚDE, SEGUNDO O TEMPO DE FORMADO.

TEMPO DE FORMADO	SERVIÇOS DE SAÚDE							
	Hospital Estatal ou Para-Estatal		Hospital Privado ou Particular		Serviço Oficial de Saúde Pública		TOTAL	
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)
0 - 01 ano	21	26,92	20	25,64	-	-	41	52,56
01 - 05 anos	12	15,38	11	14,10	1	1,28	24	30,76
05 - 10 anos	2	2,56	3	3,85	1	1,28	6	7,69
10 - 15 anos	3	3,85	1	1,30	1	1,28	5	6,43
15 - 20 anos	-	-	-	-	1	1,28	1	1,28
20 - 25 anos	-	-	-	-	1	1,28	1	1,28
25 - 30 anos	-	-	-	-	-	-	-	-
30 e mais anos	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTALS	38	48,71	35	44,89	5	6,40	78	100,00

As maiores frequências estão compreendidas entre 01 — 05 anos num total de 65 (83,97%), seguido das faixas 5 — 10 e 10 — 15 anos, respectivamente, totalizando 11 (14,08%) e nos períodos de 15 — 20 e 25 a 30 anos respectivamente, totalizando 2 (2,56%), enquanto que nas faixas 25 — 30 e 30 e mais não houve frequência.

A distribuição dos enfermeiros segundo o tempo de formado é bastante semelhante nos hospitais, no serviço oficial de saúde pública houve variação, apesar da amostra ser pequena.

Convém salientar aqui que a alta frequência encontrada no período de 0 — 01 ano representando 20 (25,64 %) residiu no fato de um hospital privado ou particular ter contratado de uma só vez 16 enfermeiros recém-graduados.

Estudos semelhantes realizados por TREVIZAN (1978); TREVIZAN et alii (1981) e SAEKI (1982) demonstraram que o grande contingente de enfermeiros está compreendido no período de 0 — 10 anos do tempo de formado, levando-nos a questionar o possível abandono da profissão por profissionais mais maduros e os motivos que os levam a esta atitude.

A educação continuada formal ou informal é ou deve ser preocupação do profissional e da empresa. Pessoal jovem precisa completar seu ciclo de formação iniciada na escola, que é o caso deste estudo. O pessoal integrado no serviço necessita de constante atualização para implementar a prática.

Desta forma o 1º Seminário de Educação Conti-

nuada em Enfermagem\* recomendou que as "instituições de ensino e de serviço" procurem articular programas de educação continuada.

Da população em estudo 100% não cursou pós-graduação nos moldes antigos, ou seja, antes de 1970. Este resultado é lógico, 71 (91,00%) do total de enfermeiros são formados no período de 0 — 10 anos, e apenas 7 (9,00%) estão na faixa de 10 — 25 anos, donde se conclui que o grande contingente da população neste período estava cursando a graduação.

Por outro lado, ao serem solicitados se cursaram pós-graduação "Lato Sensu", onde se considerou "Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização", com carga horária igual ou superior a 360 horas\*\*, concluiu-se que dos 78 enfermeiros estudados, 25 (32,05%) possuem tais cursos, enquanto que 53 (67,95%) não os possuem. O Quadro 8 nos mostra a relação dos cursos mencionados pelos enfermeiros segundo os serviços de saúde a que estão vinculados.

---

\* ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Comissão de Educação e de Assistência de Enfermagem. 1º Seminário de Educação Continuada em Enfermagem. Brasília. D.F., 18 a 20 Out., 1980.

\*\* Resolução nº 24/77, de 23/11/77, do Conselho Federal de Educação - C.F.E.

QUADRO 8 - RELAÇÃO DOS CURSOS E NÚMEROS DE ENFERMEIROS CONCLUDENTES SEGUNDO OS SERVIÇOS DE SAÚDE

CURSOS	SERVIÇOS DE SAÚDE			TOTAL
	Hospital Estatal ou Para-Estatal	Hospital Privado ou Particular	Serviço Oficial de Saúde Pública	
1. Curso de Licenciatura em Enfermagem	9	1	-	10
2. Curso de Especialização em Saúde Pública	-	-	1	1
3. Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho	2	-	-	2
4. Curso de Especialização em Administração Hospitalar	7	3	-	10
5. Curso de Especialização em Enfermagem Psiquiátrica	1	-	1	2
TOTAL	19	4	2	25

Os enfermeiros dos hospitais estatais ou para estatais possuem mais cursos de pós-graduação "Lato Sensu" do que os dos hospitais privados ou particulares e serviços oficiais de saúde pública. Ainda nos foi possível observar que os enfermeiros procuram mais a região geo-educacional do município estudado para fazerem seus cursos, como também encontramos outros provenientes de São Paulo, Capital. Dos cinco cursos mencionados pelos enfermeiros assistenciais, três são oferecidos no município estudado e dois em outros municípios.

Face a isso, os enfermeiros têm procurado, na medida do possível participar dos cursos oferecidos dentro da sua região geo-educacional, procurando assim continuar seus



estudos através dos programas de educação continuada. Este resultado permite sugerir que cursos de atualização devem ser planejados em diferentes áreas geográficas do país, o que facilita a frequência.

A esse respeito PAIM (1979) afirma que "embora seja justo e alguns membros da equipe de saúde já tenham esse direito assegurado dentro dos serviços de saúde, já os enfermeiros ligados à prática nos serviços de saúde ainda lutam com dificuldades no que tange à sua atualização e aperfeiçoamento profissional. Este fato constitui uma expressa limitação no desenvolvimento da pesquisa de enfermagem".

Por outro lado, RODRIGUES (1980) também menciona que os enfermeiros na assistência e/ou geralmente estão sobrecarregados de trabalho, e apesar de preocupados com sua "educação continuada" estão mais voltados para o desempenho de funções específicas. Provavelmente não podem contar com incentivos ou facilidades de seu desenvolvimento em relação à pesquisa.

Ao serem questionados sobre a participação em cursos de pós-graduação, agora a nível "Stricto Sensu"-Mestrado e Doutorado, encontrou-se que dos 78 enfermeiros pesquisados (100,00%) não haviam participado de tais cursos, embora o município em questão mantenha dois cursos de mestrado e recentemente um de doutorado. Questionamos se mesmo sem estarem matriculados regularmente no curso de pós-graduação, se "já fez ou está fazendo alguma disciplina", 5 (6,40%) referiram cursar algumas disciplinas oferecidas pe-

lo "campus", enquanto que 73 (93,60%) não tiveram tais oportunidades.

A análise mais detalhada da procedência destes 5 enfermeiros que cursaram ou cursam disciplinas de pós-graduação no "campus" demonstrou que 2 enfermeiros pertenciam ao serviço oficial de saúde pública, 1 ao hospital privado ou particular e 2 ao hospital estatal ou para-estatal. Notamos que tal participação entre os enfermeiros dos diferentes serviços estudados é semelhante numericamente, embora não o seja proporcionalmente.

Ao serem indagados se já concluíram ou fazem algum outro curso superior, concluímos que dos 78 enfermeiros, 75 (96,15%) responderam "não" e 3 (3,85%) referiram "sim". Destes 3, dois possuem Curso de Pedagogia completo e um Curso de Educação Física incompleto, sendo que um trabalha no serviço oficial de saúde pública; um em hospital estatal ou para-estatal e um em hospital privado ou particular, mais uma vez a distribuição parece equitativa embora não o seja proporcionalmente.

Quanto ao item "ter cursado a disciplina metodologia da pesquisa" o resultado encontrado revela que do total de 78 enfermeiros estudados, 38 referiram tê-la cursado na graduação em enfermagem; 4 fora da graduação; nenhum referiu estar cursando-a; 32 nunca a cursaram e 6 não se lembram de tê-la cursado. Para a análise destes dados não se calcularam as porcentagens porque houve enfermeiros que cursam esta disciplina mais de uma vez.

É bastante significativo (32) o número dos que nunca cursaram, levando-nos a supor que este fato repercuta na produção de trabalhos científicos efetuados pelos enfermeiros engajados nos serviços de saúde. Desta forma concordamos com OLIVEIRA (1964) quando nos assegura que o enfermeiro deve possuir conhecimento claro do método de pesquisa, para que possa desenvolver suas próprias investigações científicas.

CINTRA (1979) afirma "será muito difícil fazer boa pesquisa se o indivíduo aceita projetos e planos de outros para ele realizar somente trabalho material. Aí ele será um técnico e não um cientista", e para LINDEMAN (1973) o serviço de enfermagem deve proporcionar ao pessoal de enfermagem a oportunidade para adquirir conhecimentos sobre o processo de pesquisa.

Por outro lado, SILVA (1979) menciona que as dificuldades oriundas também de uma formação pouco adequada impedem que o enfermeiro recém-saído dos cursos de graduação assumam com desenvoltura a nova atitude científica de aplicação da metodologia do processo de pesquisa e dificulta o seu relacionamento com os demais membros da equipe de saúde nas discussões de casos científico-profissionais.

Portanto, somos da opinião que o estudante deve ter uma participação ativa nos programas de investigação desde as fases iniciais do processo educativo, pois possivelmente poderá contar com profissionais com conhecimentos em metodologia da pesquisa e que no futuro com o desenrolar

da prática diária poderá se converter em investigador no campo da saúde.

Se é verdade que o enfermeiro entra no mercado de trabalho sem o conhecimento do método científico, assim ele permanece pois os programas de educação continuada não se têm preocupado com o aprimoramento do profissional nesta área.

Frente à necessidade de capacitar o enfermeiro assistencial para a interpretação e realização de pesquisas, pensa-se que uma meta a ser estabelecida seria o preparo dos profissionais através do envolvimento dos cursos de pós-graduação das escolas de enfermagem. Isto poderia levar o enfermeiro ao consumo, à adaptação das pesquisas existentes e à capacitação teórica e prática para a aplicação de método científico.

É importante que se operacionalize, com vistas à pesquisa, a jornada de trabalho dos enfermeiros interessados, bem como estabeleça no serviço de enfermagem uma comissão que possa estimular e assessorar os que desejarem engajar em trabalhos deste nível.

Nosso pressuposto é que o enfermeiro deve realizar pesquisa, estar atualizado com os avanços da ciência e tecnologia e que tenha uma postura crítica frente às inovações. Entretanto, é importante saber o que acham os enfermeiros da pesquisa em enfermagem. Os resultados descritos abaixo traduzem o pensamento corrente. Para facilitar a compreensão e manter uma coerência no discurso vigente,

sobre a pesquisa em enfermagem, usamos a classificação de NEVES (1982). Este autor em seu trabalho "Vazios do Conhecimento e Sugestões Temáticas Relevantes na Área de Enfermagem" agrupou o conteúdo temático das pesquisas realizadas em enfermagem no Brasil em cinco áreas distintas: Assistência; Ensino; Profissão; Contexto Social e Pesquisa Básica. Os enfermeiros apontam pontos favoráveis e desfavoráveis em relação ao desenvolvimento da pesquisa de enfermagem, e serão apresentadas nestes dois aspectos.

*Pontos desfavoráveis à pesquisa em enfermagem:*

*Área Assistencial* - os enfermeiros referiram que em relação à pesquisa em enfermagem há falta de planejamento, execução, avaliação e sua colocação na prática. Portanto, não proporciona melhoria do serviço de enfermagem e com isso não traz benefício ao paciente e instituição.

Na *Área de Ensino* - não foi indicado nenhum ponto desfavorável.

Na *Área Profissão* - os enfermeiros referiram ser uma profissão não muito reconhecida na área de saúde e que, apesar de ser um assunto importante para a enfermagem consideram-na muito maçante. Durante o curso de graduação os enfermeiros declararam que na escola em que se formaram desconheciam as pesquisas realizadas pelos docentes e para eles a pesquisa deve ser incentivada e divulgada, ultrapassando os limites de faculdade ou congressos.

Por outro lado, afirmam que as pesquisas realizadas só têm servido para ampliar o currículo do executor, bem como na promoção social; mencionam inclusive que não há divulgação dos resultados das pesquisas. Consideram que sem a pesquisa a profissão não evolui e o profissional se torna uma simples engrenagem de uma máquina, não revelando o verdadeiro sentido da profissão.

Sobre a *Área Contexto Social* muito pouco nos foi referido, citaram que as pesquisas não são bem difundidas e que dessa maneira tem trazido poucos benefícios para a classe e/ou comunidade.

Quanto à *Área Pesquisa Básica* referiram que de maneira geral as pesquisas exploram aspectos muito minúsculos dentro de tantos temas e problemas ricos a serem esclarecidos na área da enfermagem. Apontaram que os temas abordados são muito repetitivos, superficiais, imaturos e pouco científicos; além de serem desenvolvidos de forma muito vagarosa, e que pouca informação se tem sobre as pesquisas em enfermagem. A falta de incentivo, disponibilidade de tempo e conhecimento em metodologia de pesquisa tem se tornado obstáculo para o desenvolvimento de trabalho de investigação científica. Acreditam ser um campo vasto, mas pouco explorado e incentivado e consideram ser válida desde que haja mais colaboradores, mas como o enfermeiro assistencial se vê envolvido com tanta rotina diária, não se volta para a pesquisa, tornando-se assim um profissional incompleto.

Destas áreas; a "Profissão e Pesquisa Básica" foram as que mais sofrem críticas desfavoráveis, seguida da "Assistência" com razoáveis observações. Na área "Contexto Social" houve referências insignificantes, enquanto que na área de "Ensino" nada foi mencionado.

*Pontos favoráveis à pesquisa em enfermagem*

*Na Área Assistencial* os enfermeiros consideram a pesquisa de suma importância para o campo de trabalho, como também para o aperfeiçoamento e atualização do profissional, pois melhora a assistência ao paciente, bem como proporciona a evolução da enfermagem. Por ser o profissional que atua as 24 horas do dia com o paciente, poderá conseguir o melhor para ele, como também para seu trabalho através da sistematização das técnicas e procedimentos. Tornam assim mais científicas as técnicas executadas e chegam até mesmo conduzir mudança de comportamentos dentro de sua área de atuação; inclusive poderiam proceder à simplificação de algumas técnicas que não são passíveis de serem aplicadas dentro da nossa realidade.

A avaliação da atuação do enfermeiro no campo de trabalho, no que tange à técnica, procedimento, cuidados de enfermagem prestado ao paciente, favorece o contato do enfermeiro assistencial um maior intercâmbio de conhecimentos entre ambos.

A *Área de Ensino* foi pouco abordada, mas mesmo assim consideraram a pesquisa em enfermagem feita no cam

po de trabalho, de suma importância, desde que venha associada ao ensino e à assistência.

Referiram também que além de estimular o enfermeiro de serviço a se atualizar, melhorar seus conhecimentos, os docentes de enfermagem também se beneficiarão e com isso poderão completar o estudo com o paciente.

A *Área Profissão* foi a que mereceu maior referência dentro da temática estudada, pois os enfermeiros consideraram ser a pesquisa muito importante e útil para a profissão, além de proporcionar análise da situação no campo da enfermagem. O enfermeiro assistencial deve ter uma maior preocupação neste sentido e tentar criar facilidades para poder desenvolver pesquisas. Sua importância reside no aperfeiçoamento e atualização do profissional; elevação no nível de conhecimento e melhoria das relações no setor da saúde; posiciona e desenvolve a profissão como ciência, propiciando autonomia e reconhecimento como profissão liberal.

Dentro da área *Contexto Social* não houve nenhuma referência por parte dos enfermeiros assistenciais no que tange à importância da pesquisa em enfermagem.

Já na última área analisada, a da *Pesquisa Básica*, os enfermeiros assistenciais consideram como necessária, pois fornece bases para estudos e melhoramentos, além de seguir o desenvolvimento da ciência e utilizar a metodologia científica aplicada na área de enfermagem.

Consideram ainda ser a pesquisa, talvez o úni



co meio para melhorar a competência dos enfermeiros e assim deixarem de ser empregados de médicos. Melhorando o desempenho diante dos outros profissionais da área de saúde, estaríamos diferenciando-nos de um simples executor de técnicas, conhecendo assim os "porquês" dos procedimentos em nossa área de atuação.

Para eles, a pesquisa em serviço é básica e é uma experiência aplicável, e deve ser incentivada e divulgada, além de reivindicar apoio aos órgãos públicos e particulares para uma cobertura financeira e legal, sendo que essa conquista depende diretamente da organização dos enfermeiros e de consequentes reivindicações.

Apesar de considerarem pesquisa um amplo campo em desenvolvimento na enfermagem, ainda necessitam de dados para chegar a um consenso. Acreditam que já está se iniciando a conscientização da sua necessidade, mesmo assim mencionam que a pesquisa em enfermagem deve ser desenvolvida por profissionais que realmente gostem do assunto.

Concluindo, verificamos que as áreas "Profissão e Assistência" foram as que mais receberam observações favoráveis, seguida da área "Pesquisa Básica" com razoáveis informações; na de "Ensino" mais uma vez houve poucas observações, enquanto que na área de "Contexto Social" não houve nenhuma menção.

Associando-se os pontos favoráveis e desfavoráveis observamos que em suas informações as áreas "Profissão"; "Assistência" e "Pesquisa Básica" foram as que mostra

ram maior preocupação por parte dos enfermeiros assistenciais. Enquanto que as duas últimas "Ensino" e "Contexto Social" não mereceram muita atenção por parte dos enfermeiros estudados.

Desta forma, NEVES (1982) no seu estudo chegou à seguinte conclusão: para a área "Assistência" encontrou um conteúdo temático bastante diverso e insuficiente para a consolidação de um corpo de conhecimento; a área "Ensino" está totalmente descoberta, cita que a evidência de falta de utilização de marco conceitual teórico, existente na área de educação, nas pesquisas de ensino de enfermagem, é suficiente para comprovar que a prática do ensino de enfermagem carece de uma base teórica sólida; para a área "Profissão" a autora também considerou os estudos realizados como poucos e esparsos, demonstrando assim ser uma área pouco trabalhada; a área "Contexto Social" segundo a autora, também está pouco explorada, as pesquisas são numericamente insuficientes e não evidenciam suporte teórico bem como o aprofundamento nos níveis de estudo; por último, a área "Pesquisa Básica" pelo fato de ter sido encontrado somente um estudo a respeito, não foi elaborado um quadro para identificação dos vazios do conhecimento.

ALMEIDA et alii (1981) estudaram seis áreas assim discriminadas: Assistência de Enfermagem; Administração em Enfermagem; Profissão de Enfermagem; Ensino de Enfermagem; Área Biológica e Saúde Pública. Do total de 117 teses, 44,4% corresponde à área de assistência, seguida da área biológica com 20,6% e em terceiro está a administração em enfermagem com 19,6%. As áreas de profissão, ensino e saú-

de pública são as menos trabalhadas com 4,3%; 7,7% e 3,4%, respectivamente.

Os resultados dos nossos estudos revelam a preocupação dos enfermeiros quanto às áreas que estão sendo exploradas, pouco ou mal exploradas. NEVES (1982) e ALMEIDA et alii (1981) mostram o que tem sido produzido na enfermagem. Comparativamente vemos que a área "Assistência" é a que preocupa e vem sendo mais trabalhada. As áreas "Ensino" e "Contexto Social" são as menos prestigiadas em ambas as instituições.

Neste contexto, afirma ALMEIDA et alii (1981) "o objeto de pesquisa em enfermagem, que vem sendo enfatizado pelos enfermeiros, está centrado na procura da eficiência da assistência de enfermagem à pessoa e grupos da comunidade. Uma preocupação, portanto, com os aspectos técnicos e internos da profissão", o que concordamos com o referido autor.

Por outro lado, nosso estudo mostrou as áreas de preocupação dos enfermeiros assistenciais vão ao encontro ao referido pela autora acima citada, onde diz que "a profissão como prática social não tem sido objeto de estudo. Considera que esta área precisaria ser privilegiada pois a prática vem se transformando historicamente, e na atualidade os profissionais de enfermagem vêm se questionando a respeito de uma série de problemas: o seu objeto de trabalho; o seu espaço na estrutura da saúde; as funções a serem desempenhadas; o porquê da existência de tantas categorias em enfermagem; por que a qualidade de assistência nem sem-

pre se faz; quais as relações desta prática com as práticas de saúde; com a estrutura produtiva e as instâncias política, ideológica e outras mais".

Os enfermeiros ao serem questionados "se na sua instituição de serviço existe norma que regulamenta ou aborda a pesquisa em enfermagem", responderam 4 (5,13%) "sim"; 31 (39,74%) responderam "não" e 43 (55,13%) informaram que "não sabem", conforme mostra o Quadro 9.

QUADRO 9 - EXISTÊNCIA DE NORMA QUE REGULAMENTA OU ABORDA A PESQUISA EM ENFERMAGEM DE ACORDO COM OS SERVIÇOS DE SAÚDE.

Serviços de Saúde Existência de Normas	Hospital Estatal ou Para-Estatal		Hospital Privado ou Particular		Serviço Oficial de Saúde Pública		T O T A L	
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)
S i m	3	3,85	1	1,28	-	-	4	5,13
N ã o	13	16,67	13	16,67	5	6,40	31	39,74
Não sabe	22	28,20	21	26,93	-	-	43	55,13
T O T A I S	38	48,72	35	44,88	5	6,40	78	100,00

Através de informações obtidas nos serviços de saúde encontramos que a maioria dos hospitais privados ou particulares não dispõem de um regimento interno do serviço de enfermagem, bem como "atribuições para o desenvolvimento da pesquisa em enfermagem", enquanto que nos hospitais estatais ou para-estatais e nos serviços oficiais de saúde pública existem tais regimentos, assim como atribuições.

Um outro aspecto que pode ser observado atra-

vés do Quadro 9 e que merece consideração reside no fato de que dos 38 enfermeiros dos hospitais estatais ou para-estatais, 35 (92,11%) estão desinformados da existência de normas que regulamentam ou abordam a pesquisa na sua unidade de serviço e apenas 03 (7,89%) sabem da existência delas. No serviço oficial de saúde pública os 5 (100,00%) enfermeiros declararam não saber que existem tais normas em seus serviços. Já nos hospitais privados ou particulares dos 35 enfermeiros que participaram deste estudo, 34 (97,14%) mostraram-se desinformados a respeito de tais normas e apenas 1 (2,86%) revelou conhecimento.

Tal situação nos leva a crer que o desconhecimento por parte dos enfermeiros assistenciais da existência de normas que regulamentam ou abordam a pesquisa em enfermagem faz com que o enfermeiro, estando desinformado a respeito de suas atribuições, não pode levar avante suas atribuições e entre elas a pesquisa em enfermagem na unidade como sendo uma de suas atividades. Os serviços de saúde devem esclarecer aos enfermeiros, quando contratados, quais são suas atribuições, bem como o que o serviço de saúde espera deles.

Sabemos que a pesquisa melhora a qualidade da assistência, mas infelizmente os serviços de saúde têm se preocupado mais com a produtividade, e tal situação ainda perdurará por muito tempo, face ao modelo de prestação de saúde vigente. O desconhecimento das expectativas da instituição quanto ao papel do enfermeiro poderá gerar insatisfa

ção de ambas as partes, tensões emocionais, baixa produtividade, fatores que poderiam ser superados aclarando as expectativas.

Haja visto quando perguntamos se a seu ver "o enfermeiro assistencial deve realizar pesquisa", 100,00% responderam "sim".

Nas justificativas consideraram ser importante, pois melhora o padrão do serviço bem como o cuidado de enfermagem, proporciona condições para aprimorar ou mudar rotinas, e com isso elaborar plano de trabalho mais consciente e sensato de acordo com nossa realidade e necessidades mais prementes, não se acomodando às rotinas de serviços e se desinteressando pelas inovações surgidas na pesquisa em enfermagem.

Prosseguiram dizendo que por ter a vivência diária das situações e dificuldades encontradas no serviço, suas pesquisas terão caráter mais realista, além do fato de terem em suas mãos tanto o paciente como o pessoal de enfermagem, esse contato facilita a identificação de problemas.

Desta forma, como afirma HODGMAN (1979), a pesquisa em enfermagem está hoje mais direcionada para a prática, ao mesmo tempo que está sendo conduzida por enfermeiro comprometido nos serviços. Isto iguala o "staff" de enfermagem a pesquisadores não formalmente treinados, mas eles têm conduzido a pesquisa por caminhos menos ortodoxos e mais criativos, que tem gerado conhecimentos de aplicação imediata, pois respondem a questões oriundas na própria prática.

A pesquisa proporciona o crescimento da própria profissão, bem como traz novos conhecimentos ao setor da saúde, melhorando assim o serviço de enfermagem, abrindo novos espaços e projetando a profissão. Apesar de possuir conhecimento, teoria, vivência prática e consciência de suas necessidades profissionais na área de saúde, a maioria das instituições não proporcionam condições para o seu desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional.

A pesquisa feita por enfermeiros assistenciais valoriza o trabalho de campo, pois estará questionando e levando outras pessoas a questionar, e logo depois poderá encontrar a resposta.

Desenvolver pesquisa é uma forma de estar sempre em contato com os problemas de enfermagem e de procurar novos caminhos e técnicas, para eles o enfermeiro deveria pesquisar, sem distinção se docente ou de assistência.

Desta forma, PAIM (1976) ao pesquisar enfermeiros de escolas de graduação em enfermagem e enfermeiros de hospitais, na cidade do Rio de Janeiro, encontrou em seu estudo que a população estudada dá grande importância aos trabalhos de pesquisa, como fundamentação teórica à prática de enfermagem.

Do total da população, apenas 24 (30,77%) tiveram oportunidade de "participar de trabalhos de pesquisa". Esta participação foi na coleta de dados, utilizando diferentes instrumentos de pesquisa: colheita de material, observa

ção de resultados, uso de técnicas especializadas. E por incrível que possa parecer, nunca participaram da elaboração do parecer final, apresentação e nem mesmo conhecem os resultados.

Sendo assim, HODGMAN (1979) afirma que enfermeiros que colhem dados para investigadores de outras disciplinas não são "enfermeiros pesquisadores"; mas sim "coletores de dados".

Os 54 (69,23%) que nunca tiveram oportunidade de participar em pesquisa relatam dificuldades operacionais ligados ao serviço, acomodação profissional, falta de incentivo, interesse e oportunidade; distanciamento de docentes; por serem recém-graduados; falta de tempo durante o serviço; inexperiência profissional e desconhecimento teórico em metodologia da pesquisa.

Ressaltam que não são alertados, motivados ou orientados para o desenvolvimento de pesquisas, além de encontrarem dificuldades para conciliar o trabalho e a pesquisa.

Não faltaram os que afirmaram realmente não gostar de pesquisa.

Esta situação apresenta-se mais problemática para os enfermeiros que trabalham nos hospitais privados ou particulares onde as oportunidades e incentivos são praticamente inexistentes.

Os resultados até aqui descritos mostram uma realidade que está distante, ao que parece, do esperado pe-



los nossos profissionais. Parece que gostariam de ter maior participação nos seus empregos e desempenharem uma prática inovadora e criativa.

Já percebemos pelas respostas anteriores que a participação do enfermeiro parece restringir-se à coleta de dados, para trabalhos de enfermeiros docentes ou não. Para aclarar este fato solicitamos que nos explicitassem "a forma de participação no trabalho". Nesse momento queremos chamar atenção para como "dizem" estar participando. Cinco enfermeiros referem ser "autores" e 14 foram "co-autores" de trabalhos de médicos, enfermeiros docentes e assistenciais, e 43 participaram na coleta de dados para pesquisas, assim distribuídas: 18 para médicos; 14 para enfermeiros docentes; 8 para enfermeiros assistenciais e 3 desconhecem o autor.

A dispersão nos dados nos faz pensar que como os enfermeiros não estão preparados para a pesquisa, como consequência desconhece as formas de participação e os passos de uma pesquisa. Pois se tivemos 19 pessoas sendo autores ou co-autores, na questão seguinte "já fez algum trabalho de pesquisa em enfermagem", esperava-se que, pelo menos, os 12 que participaram de pesquisa para enfermeiros docentes e assistenciais respondessem que "sim". Entretanto, apenas 6 (7,70%) responderam afirmativamente e 72 (92,30%) negativamente.

Afunilando esta análise verifica-se que destes seis, cinco referiram fazer apenas um trabalho e um mencionou ter feito cinco.

Todo o produto de pesquisa pertence à comuni  
dade científica, ele não pode ser realizado e o autor guar  
dar para si os resultados, sob pena de lesar a comunidade.

Portanto a avaliação efetiva da produção cien  
tífica está na publicação ou divulgação, vejamos o que foi  
encontrado neste aspecto. Dos seis trabalhos, 3 (50,00%) re  
feriram terem sido publicados e 3 (50,00%) não o foram. Sen  
do um como autor e dois co-autores. Quanto à divulgação em  
congressos ou similares, um foi apresentado e dois não.

Os outros 3 (50,00%) restantes que também re  
feriram ter realizado trabalho de pesquisa, mas que não cita  
ram o nome; se autor ou co-autor; não foram publicados não  
nos possibilitando chegar a nenhuma conclusão.

Conhecemos sobremaneira a dificuldade para pu  
blicação e considerando os três trabalhos não publicados, pro  
curamos saber do usuário "porque seu trabalho não foi publi  
cado". Citaram que por não terem o hábito de registrar, es  
crever e publicar trabalhos; pelo fato do trabalho cobrir a  
penas uma necessidade interna ou solução de problemas; não  
ter idéia de publicá-lo pelo fato de não ter sido feito um  
plano de pesquisa adequado para sua posterior publicação.

O intercâmbio de experiências na comunidade de  
enfermagem precisa ser estimulado, haja visto que apenas 20  
(25,64%) "mantêm contatos com docentes de escola de enferma  
gem para discutir pesquisas". Destes 20 (25,64%) justifica  
ram ter contatos apenas com docentes de algumas disciplinas  
específicas, chegando a realizar trabalhos em conjunto, sen

do que alguns pretendem desenvolver e estimular a pesquisa no seu serviço. Um enfermeiro comentou que após dois anos de trabalho, ao se deparar com a realidade, sentiu-se um pouco desestimulado com a rotina diária, passando a observar a necessidade da pesquisa como forma de atualização e dinamização do trabalho e com isso manter contatos com as inovações feitas no campo da enfermagem. Merece ser citado também pela sua relevância o distanciamento entre ensino-serviço, uma vez que 58 (74,36%) enfermeiros não mantêm contatos com docentes e dizem que isso ocorre devido ao não entrosamento e desconhecimento entre eles; afastamento da escola; comodidade; terem que cuidar das crianças; serem recém-formados; não terem se preocupado com pesquisa; não gostarem de pesquisar e que futuramente poderão participar de uma pesquisa, se houver oportunidade. Alguns enfermeiros citaram que mantêm contatos com docentes mais por amizade do que para discussão de assuntos relativos à pesquisa.

A dicotomia ensino-serviço, como era esperado, deveria aparecer num trabalho deste tipo. Assim os enfermeiros declaram que pesquisa é um assunto nunca ventilado em seus serviços, pois os docentes trabalham exclusivamente na supervisão de alunos sem se envolverem com os problemas do campo. Acresce-se a este fato a ausência por parte da escola de curso de metodologia de pesquisa, para os enfermeiros assistenciais; sentem-se capazes de identificar problemas, mas não sabem como desenvolver uma pesquisa. Sempre são excluídos, ou apenas usados. Referem que não expõem suas idéias, pois fatalmente seriam transformadas em proje-

tos de estudos sem sua participação, e, pior, desconhecendo o resultado. O distanciamento mantido pelos docentes dificulta o possível intercâmbio chegando a prejudicar o próprio trabalho de equipe.

O processo de integração docente-assistencial é um permanente desafio aos administradores; professores e profissionais do setor da saúde. Face a isso, o trabalho de equipe desenvolvido nas unidades assistenciais, pelos profissionais da área da saúde, nem sempre tem obtido pleno êxito, levando-nos a pensar que talvez seja mais por falhas do comportamento humano do que de preparo técnico.

Sendo assim, a integração docente-assistencial é da mais alta importância, para os militantes do ensino, na área da saúde, pois acreditamos que hoje não se admite uma prática de ensino distanciada da assistência.

Se o intercâmbio entre a comunidade de serviço e a científica de enfermagem está tão difícil, outra forma de aprimoramento seria através de leituras de periódicos e livros.

A "aquisição de livros" é, em média, de 0 — 15 em ordem sempre decrescente, predominando assuntos da área de saúde, entre eles os de enfermagem, e de preferência os específicos de cada unidade de serviço a que o enfermeiro desenvolve suas atividades.

Por outro lado, não faltaram aqueles interessados em assuntos diversos, entre eles: literatura, romance, ficção científica, política, história infantil, crôni-

ca, atualidades, história geral, artes, ciência, educação infantil, romance policial e livros de espiritualidade.

Quanto à "assinatura de periódicos" na área de saúde, 25 (32,05%) referiram "sim" e 53 (67,95%) informaram "não". Destes, 25 mencionaram ser assinantes dos seguintes periódicos: Enfoque, Vida e Saúde, Saúde em Debate, Medicina e Saúde, Promoção e Saúde, Saúde Comunitária, Revista Paulista de Hospitais, Revista Paulista de Enfermagem, Jornal Brasileiro de Medicina, Jornal Brasileiro de Enfermagem, Revista Brasileira de Enfermagem, Enfermagem Novas Dimensões e Revista de Ginecologia e Obstetrícia.

Embora assinantes, 41 (52,56%) lêem; 17 (21,80%) não lêem e 20 (25,64%) em parte. Estes dados refletem o encontrado na questão seguinte, onde apenas 4 (5,12%) referiram "acompanhar a pesquisa" em enfermagem no Brasil; 35 (44,88%) "não" e 39 (50,00%) "em parte".

Nossos achados são semelhantes aos de BARNETT (1981) onde, em seu estudo, mostra que os enfermeiros lêem muito pouco após terem sido aprovados nos exames. Entretanto não isenta de culpa os administradores por não proporcionarem comportamentos favoráveis à utilização de resultados de pesquisa.

Por outro lado, STEPHEN (1981) afirma que para prover um cuidado mais efetivo ao paciente, os enfermeiros devem ter fácil acesso à informação de que eles necessitam, para o desenvolvimento da prática da enfermagem e da qualidade do serviço.

Se a pesquisa é feita para mudar a prática, por que se pesquisa?

Nesse dilema ANGERAMI & ALMEIDA (1982) perguntam: "Quem consome esta produção? Estão os serviços de saúde preocupados com que os enfermeiros adquiram conhecimentos e modifiquem sua prática de enfermagem? A produção de conhecimentos tem revertido em prol do paciente? Ainda mencionam se estas observações são verdadeiras, porque se tem estimulado a produção científica em enfermagem? Com que finalidade? Com qual objetivo? Sendo assim enfatizam o que deve ser feito é mobilizar recursos para que esta produção transforme a prática".

Os enfermeiros procuraram justificar seu pouco interesse pela leitura à falta de incentivo; iniciativa; motivação; oportunidade; comodismo; falta de contato com docentes; falta de divulgação e recebimento de publicações; por não ser assinante de revistas, além de que estas não chegam com facilidade à mão dos enfermeiros assistenciais. Outros dizem ler apenas publicações esporádicas ou de interesse, ou usam material de biblioteca; referiram falta de tempo pela rotina de trabalho; muitos não compram livros; outros interromperam assinaturas; além de referirem que têm poucos assuntos de interesse e que os trabalhos publicados são expostos de maneira cansativa e pouco atrativos.

Não participam de congressos e reuniões, só acompanhavam os trabalhos quando alunos, e que nunca tiveram oportunidade de participarem ativamente de um trabalho

de pesquisa. Já por outro lado, nos hospitais privados ou particulares referiram que falta incentivo à pesquisa, além de que alguns enfermeiros referiram não terem se adaptado ainda à profissão, como também há falta de informação de como acompanhar os trabalhos, falta de poder aquisitivo, inclusive entrosamento entre os colegas de serviço, instituições, escolas, congressos e encontros, além do fato de que quando colaboram em trabalhos de pesquisa, não participam da apresentação.

Os poucos que são participantes ativos o fazem por interesse profissional, por terem acesso a trabalhos através de colegas e acham muito importante conhecer o que se faz de pesquisa em enfermagem no Brasil para acompanhar e avaliar seu trabalho. Referiram ter acompanhado os trabalhos através da Revista Brasileira de Enfermagem e revistas específicas da área de saúde.

Outra forma de crescimento intelectual é participar de associações de classe. Da população em estudo, 66 (84,62%) responderam "sim", entre eles citaram: a Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn, Associação de Profissionais de Enfermagem, Técnicos, Massagistas e Empregados em Hospital e Casas de Saúde de Ribeirão Preto e a Associação dos Servidores do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

Os 12 (15,38%) que não pertencem a entidades de classe justificaram o fato dizendo: não estarem em condições de se associarem no momento, falta de estímulo, não se inte

ressaram na época, por serem recém-formados, pouco tempo de trabalho, além da falta de conhecimento e divulgação, outros já foram sócios da ABEn, mas que hoje não vale a pena e que esta só ajuda a classe e não o profissional.

Até esta etapa do estudo foi possível perceber que interiormente os enfermeiros estão motivados e sentem necessidade de participarem ativamente de trabalhos de pesquisa, entretanto estão ainda numa fase distante da participação efetiva e consciente. Além de inúmeros fatores já descritos, procuramos penetrar na instituição como simples agente motivador, diretamente interessado na formação de seus recursos humanos.

Ao questionarmos os enfermeiros sobre as "facilidades e incentivos" para a realização de pesquisa, estes demonstraram desconhecimento, mas fizeram referências, que estão descritas a seguir.

O desenvolvimento de trabalhos de pesquisa no serviço depende de uma estrutura capaz de oferecer aos profissionais de enfermagem condições para sua realização, tais como tempo, recurso humano, material e financeiro.

Alguns enfermeiros consideram como facilidades e incentivos: o prontuário completo, os recursos humanos existentes, proximidade com pacientes e médicos, vivência com a realidade do hospital. Entretanto, ressaltam que não deve haver gastos para a instituição.

Essas condições estão presentes nos serviços de enfermagem dos hospitais estatais ou para-estatais, pelo



fato de possuírem riqueza em recursos humanos, materiais e até financeiros, além do apoio do pessoal médico e de enfermagem, aceitação por parte do pessoal de enfermagem, como também dos pacientes, além do contato diário com docentes de enfermagem, médicos e de outros profissionais. Possuem também mais facilidades nas orientações de suas atividades, quando necessitam, quer no serviço quer nas pesquisas. É sabido que estes serviços vêm se estruturando, como também suas chefias vêm estimulando os enfermeiros assistenciais a realizarem trabalhos nas suas áreas de atuação. Não faltaram aqui também aqueles que afirmaram que tais estímulos são só verbais, ou seja, permanecem apenas ao nível de discurso.

Alguns citaram que têm permissão para fazerem cursos na área de enfermagem; que alguns serviços permitem a dispensa do trabalho, mas sem incentivo financeiro, como também fornece o material para desenvolver trabalho de pesquisa desde que haja interesse pessoal.

As "dificuldades e limitações" foram expressadas como de ordem "pessoal" e "institucional".

O aspecto "pessoal" reside na formação de hábito; desconhecimento; interesse; dificuldade para publicar seus trabalhos; falta de tempo para executar pesquisas e leituras durante o horário de serviço; falta de recurso financeiro; falta de oportunidade; além de excessiva preocupação com o bom desenvolvimento técnico e administrativo dos serviços de enfermagem que estão sob sua coordenação e supervisão. Muitos enfermeiros são responsáveis, na maioria das ve

zes, pela coordenação, orientação e supervisão de todo o serviço de enfermagem do hospital.

A falta de outros profissionais da equipe de saúde como terapeuta ocupacional, fonaudiólogo, psicólogo, tem dificultado e limitado o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa, de forma interdisciplinar. O não reconheci - mento por parte dos outros profissionais da área de saúde de que o enfermeiro possui conhecimentos científicos, tem sido fator de acomodação pessoal.

Um outro fato bastante interessante encontra - do em um hospital particular residiu no fato de que a gran - de dificuldade e limitação para desenvolver pesquisa, por parte do enfermeiro, foi encontrada junto aos familiares acom - panhantes dos pacientes, que rejeitaram um trabalho mais pro - fundo entre o enfermeiro e o paciente.

Tal fato pode nos levar a pensar que essa si - tuação ocorre pelo total desconhecimento da capacidade de trabalho do enfermeiro, inclusive levando-nos a questionar: "Será que o enfermeiro está mostrando serviços perante a comunidade, para com isso receber maior credibilidade?

O desconhecimento do método científico, além do problema de pouca remuneração, pouca experiência de tra - balho, desinteresse por parte da equipe de saúde, como tam - bém da estrutura do hospital, falta de patrocinadores e ou - tros profissionais que poderiam colaborar, são os fatos mais citados. Criticaram também a escola de enfermagem pela fal - ta de interesse em preparar seus alunos para o desenvolvi -

mento de pesquisas, como também proporcionar um conhecimento teórico mais profundo. Citaram ainda a dificuldade para encontrarem orientadores para seus trabalhos, e referiram a respeito da falta de definição de papéis e aplicação prática dos resultados das pesquisas já existentes.

Por sua vez CUDDIHY (1979) afirma que "uma das maneiras mais significantes na qual podemos melhorar a prática e prestar o cuidado de enfermagem é iniciar programas de pesquisas para avaliar estas funções individuais nas agências e instituições. Através deste processo de análise, documentação e avaliação e do processo de enfermagem em relação ao resultado é que mudanças positivas podem ser produzidas em relação ao paciente".

Entretanto, é amplamente conhecido o espaço existente entre o achado da pesquisa e sua aplicação clínica na prática da enfermagem, sendo este estudo cuidadosamente documentado por NOTTER (1973) e KETEFIAN (1975).

Desta forma, LAZARSFELD & SIEBER apud KETEFIAN (1975) afirmam que a falta de interesse em pesquisa desanima novos esforços e que se os resultados não são implementados, eles não podem ser avaliados e assim os pesquisadores permanecerão ignorando a utilidade de seus trabalhos como também os praticantes de enfermagem permanecerão descrentes.

A imagem da enfermagem como profissão feminina, que dedica amor e proteção aos pacientes, tem corroborado para a manutenção do "status quo", fato esse que também é abordado por BORGES SILVA (1979) ao correlacionar os pro-

blemas da profissão e da mulher na sociedade, onde citou que "as enfermeiras" encontram dificuldades em conciliar seus papéis profissionais e domésticos, sujeitas como estão a horários rígidos de trabalho e, sobretudo, a plantões periódicos.

Por outro lado, os enfermeiros assistenciais relatam que são acomodados e que se fossem mais participantes na pesquisa obteriam melhores resultados, por estarem no trabalho do dia-a-dia. A realidade mostra que as pesquisas, na maioria das vezes, são realizadas por docentes, obrigados a desenvolverem-nas e que não "sofrem na própria pele", as consequências dos resultados obtidos são que as pesquisas realizadas, na sua maioria, não são colocadas em ação e não tendo inclusive qualquer divulgação.

Os enfermeiros participam de coletas de dados, mas são excluídos do desenvolvimento da pesquisa em si. Referem que o enfermeiro não é estimulado a crescer, pelo contrário, cada vez mais se sentem "empregados dos médicos" ou "presépio da instituição".

Pronunciando-se a esse respeito, BOEMER (1976) afirma que "no exercício de suas funções o enfermeiro está cada vez mais assumindo o papel de assistente-médico e sendo absorvido por tarefas burocráticas, afastando-se consequentemente do paciente".

Os enfermeiros assistenciais mencionaram que muitas das dificuldades estão neles próprios, que não amparam seus colegas que tentam fazer algo, e quando existem trabalhos já realizados e pesquisas já aprovados, a própria enfermagem não executa as novas ordens, isto é não absorve os

resultados das pesquisas.

Há falta de mentalidade para a pesquisa e um certo "preconceito" da classe médica em relação à capacidade de pesquisa do enfermeiro. Citaram que há condições mínimas para a realização de trabalhos de pesquisa, mencionaram também a falta de apoio por parte da chefia de enfermagem principalmente quando os trabalhos contrapõem as rotinas médicas e hospitalares.

Os enfermeiros chefes acumulam funções, logo são muito absorvidos pela parte burocrática e quando este chega ao final do expediente resta-lhe pouco ânimo, sendo difícil coordenar o serviço e a pesquisa.

No aspecto "institucional" encontramos que muitas instituições de saúde, principalmente as particulares, são rígidas e não estão interessadas em mudanças, além da falta de recursos humanos, materiais e financeiros, como também no desenvolvimento das técnicas de pesquisas existentes. Tais instituições vêem o enfermeiro como profissional a se submeter às ordens administrativas e médicas.

Este fato vem corroborar com o que mencionam ANGERAMI & ALMEIDA (1982): "os enfermeiros vêm se desgastando em executarem rotinas de trabalho traçadas, cumprindo ordens médicas, executando tarefas administrativas, e com isso são abertos flancos para outros profissionais exercerem atividades assistenciais que são ou foram da competência do enfermeiro, e como consequência disto este último vem executando tarefas de menos importância, quase a nível de mordo-

mia".

A falta de incentivo por parte da administração não permite gasto extra com material, assim como mudar rotinas médicas. A instituição particular limita o desenvolvimento da pesquisa, os médicos colaboram pouco e a diretoria não aceita seu desenvolvimento.

Outro aspecto que tem preocupado é a falta de um interrelacionamento maior entre a equipe médica e de enfermagem dentro da instituição.

As condições oferecidas pela instituição são precárias no que tange à formação de pessoal, à estrutura física e material.

A pesquisa deve ser desenvolvida fora do horário de trabalho. Inexistem cursos para formação em pesquisa além da falta de entrosamento entre os membros da equipe de saúde. Acresce-se a este fato que a pesquisa em biblioteca deve ser executada fora do expediente de trabalho. Esta situação gera insegurança, levando-os ao total desinteresse.

Alguns hospitais incentivam através de seus superiores "a pesquisa", porém outros possuem um controle rigoroso de material, o que prejudica sobremaneira esta atividade. Ficou evidenciado também a falta de coleguismo entre os profissionais, o individualismo e mesmo a existência de grupos fechados nas instituições. Além de tudo isso, muitas vezes a instituição não libera o enfermeiro para que ele possa participar de aulas, cursos, congressos, pois durante o cur

so de graduação o aluno não é preparado ou motivado para fazer uma pesquisa.

Sob esse enfoque HEFFERIN et alii (1982) também identificaram os fatores que agem como barreiras ou determinantes do envolvimento do enfermeiro em atividades relacionadas à pesquisa, tais fatores vieram ao encontro das dificuldades ou limitações por nós encontradas, das quais podemos citar: não compreensão da linguagem de pesquisa; não aplicação de resultados na prática, pesquisa não vista como relevante para o cuidado ao paciente; participação em pesquisa não aceita pela administração hospitalar e de enfermagem; não compreensão da análise estatística; pacientes não cooperam; falta de recursos financeiros para as atividades de pesquisa; médicos não cooperam; enfermeiros não estão interessados em atividades de pesquisa; pesquisa não vista como benéfica para o crescimento do "staff"; falta de habilidade do enfermeiro para identificar áreas - problemas com capacidade para pesquisa; participações em pesquisa não são recompensadas (tempo, dinheiro); enfermeiros relutam à mudança ou tentativa de introdução de novas idéias; falta de contato com fontes externas; pesquisa insuficiente já disponível para os problemas correntes e outras dificuldades mais.

## VI. C O N C L U S Õ E S

No aspecto *metodológico* verificamos que os dois instrumentos de pesquisa utilizados, a técnica de entrevista e a aplicação dos questionários mostraram-se eficientes, pois em ambos, as respostas equivalem-se em vários aspectos do problema estudado.

Quanto à *produção científica* das 596 publicações de artigos na REBEn, no período de 1961 a 1980, 362 (60,7%) pertencem aos enfermeiros docentes; 196 (32,9%) aos assistenciais e 38 (6,4%) aos docentes assistenciais. A partir da década de 70, houve um acentuado aumento da produção de artigos na Revista Brasileira de Enfermagem, bem como coincidiu com a criação de cursos de pós-graduação "Stricto Sensu".

Todos os enfermeiros *desempenham* seu trabalho em regime de Consolidação das Leis Trabalhistas - C.L.T., numa carga horária compreendida entre 4 e 10 horas por dia, percebendo de 1,43 a 8,07 salários mínimos.

A grande maioria dos hospitais privados ou particulares e o hospital especializado considerado estatal ou para-estatal não dispõem de enfermeiros nos turnos de trabalho noturno, sábados, domingos e feriados. Nestes locais os serviços de enfermagem ficam sob a responsabilidade de auxiliares ou técnicos de enfermagem. Alguns destes hospitais possuem enfermeiros que ficam de prontidão para os casos de



eventualidades.

Nas unidades de internação estudadas encontramos um total de 2447 leitos para 242 enfermeiros. A proporção é de 1:10,11 enfermeiro/leitos. Entretanto, esta proporção varia de acordo com o tipo de hospital. Os hospitais estatais ou para-estatais com 1279 leitos para 199 enfermeiros demonstraram uma proporção de 1:6,42 enfermeiro/leitos, enquanto que para o hospital privado ou particular, com 1168 leitos para 43 enfermeiros, obtivemos a proporção de 1:27,16 enfermeiro/leitos.

A educação *formal ou informal* encontramos que quanto ao tempo de formado, a maior frequência está compreendida na faixa de 0 — 5 anos, num total de 65 (83,97%) enfermeiros. Estes nunca cursaram pós-graduação antes de 1970. Do total de enfermeiros, 25 (32,05%) possuem cursos de aperfeiçoamento ou especialização e dentre os que cursaram houve a procura, com mais frequência, para a região geo-educacional do município em estudo. Nenhum enfermeiro possui curso de pós-graduação "Stricto Sensu", mestrado e doutorado, e 03 (3,85%) mencionaram ter cursado outra faculdade.

A disciplina metodologia da pesquisa foi cursada por 38 sujeitos na graduação em enfermagem; 4 cursaram-na fora da graduação e nenhum referiu estar cursando-a, enquanto que 32 nunca cursaram esta disciplina e 6 não se lembram de tê-la cursado.

Para eles a *pesquisa em enfermagem* apresenta pontos favoráveis e desfavoráveis, sendo que as áreas "pro-

fissão", "assistência" e "pesquisa básica" foram as que mostraram maior preocupação por parte dos enfermeiros. As áreas "ensino" e "contexto social" parece não preocuparem, no momento, a população estudada.

Quanto à existência de norma que regulamenta ou aborda a pesquisa em enfermagem no seu serviço, 4 (5,13%) referiram "sim", 31 (39,74%) "não" e 43 (55,13%) "não sabem".

A maioria dos hospitais privados ou particulares não dispõem de um regimento interno no serviço de enfermagem, bem como atribuições para o desenvolvimento de pesquisa em enfermagem, enquanto que nos hospitais estatais ou para-estatais e serviços oficiais de saúde pública tais normas existem.

Todos os enfermeiros estudados referiram que deveriam *participar de pesquisa em enfermagem*; entretanto, 24 (30,77%) mencionaram já ter participado de trabalhos de pesquisa coletando dados. Por outro lado, 54 (69,23%) nunca participaram por falta de oportunidade, interesse, incentivo, acomodação profissional, falta de tempo durante o serviço, desconhecimento de metodologia da pesquisa, falta de orientadores, além de que, nos hospitais privados ou particulares, tais oportunidades são praticamente inexistentes.

Quanto à *produção de pesquisa em enfermagem*, 6 enfermeiros mencionaram a autoria de trabalhos de pesquisa e 14 foram co-autores de trabalhos executados por médicos, enfermeiros docentes e assistenciais. Destes 6 enfermeiros que desenvolveram trabalhos de pesquisa em enferma -

gem, 3 (50,00%) tiveram seus trabalhos publicados, sendo 1 como autor e 2 como co-autores; um destes foi apresentado em congresso ou similar e 2 não o foram. Os outros 3 (50,00%) restantes não forneceram as informações solicitadas a respeito de seus trabalhos.

Os trabalhos não publicados pela falta de hábito em escrever e publicar, cobrem a necessidade interna e referem os enfermeiros ligados a estes mesmos trabalhos que nunca fizeram qualquer planejamento para posterior aplicação ou divulgação.

Do total de enfermeiros, 20 (25,64%) mantêm contatos com docentes de escola de enfermagem para discutirem assuntos de pesquisa. Já os 58 (74,36%) que não mantêm contatos com docentes para discutirem assuntos de pesquisa, justificaram, dentre várias citações, que isto acontece pela falta de entrosamento e conhecimento entre eles.

A aquisição de livros ou periódicos encontra-se na média de 0 — 15, em ordem decrescente, predominando assuntos na área de saúde e os específicos de cada unidade de serviço a que o enfermeiro assistencial está vinculado.

Quanto à assinatura de periódicos na área de saúde, 25 (32,05%) informaram serem assinantes e 53 (67,95%) mencionaram "não".

Do total de enfermeiros, 41 (52,56%) afirmaram ler periódicos e revistas; 17 (21,80%) não os lêem e 20 (25,64%) os lêem em parte.

No acompanhamento da pesquisa em enfermagem no Brasil, 04 (5,12%) referiram "sim", 35 (44,88%) "não" e 39 (50,00%) mencionaram "em parte".

Da participação em associação de classe, 66 (84,62%) responderam afirmativamente e 12 (15,38%) de forma negativa.

Os enfermeiros assistenciais consideram a pesquisa em enfermagem um instrumento norteador na busca de novos conhecimentos, com o intuito de melhorar a assistência e o serviço de enfermagem e que esta aliada ao serviço constitui-se em base para a profissão se firmar como ciência.

Consideram que nem todos os enfermeiros assistenciais dos serviços de saúde devem ser pesquisadores, mas para aqueles que demonstrarem interesse, aptidão e motivação, os serviços de saúde e de enfermagem deveriam oferecer condições para isso.

Com relação às *facilidades e incentivos / dificuldades e limitações* mencionaram a inexistência de núcleos de pesquisa, orientadores, bibliotecas, laboratórios específicos de enfermagem, recursos humanos e materiais, e informaram não utilizarem recursos financeiros de agências financiadoras, sendo que muitos até os desconhecem.

Classificaram o seu trabalho como duro, cansativo, desestimulante, instável (devido à freqüente mudança de horário, serviços e plantões) e acrescentaram que o fato de não ser permitido ao enfermeiro desenvolver pesquisa em seu horário de trabalho leva-o a não motivação por tal atividade, pois no final do expediente resta-lhe pouco ânimo pa

ra ainda estarem despertos para a pesquisa em enfermagem.

Embora os hospitais sejam classificados diferentemente, *em relação ao tipo de instituição empregatícia*, pudemos perceber neste estudo que concretamente o que varia é a situação ganho/hora/número de pacientes atribuídos, mas as condições de trabalho e a situação da pesquisa é semelhante em todas as unidades estudadas, com ligeira predominância de melhoria de condições no hospital de ensino ou universitário, como era de se esperar.

## VII. R E S U M O

Trata-se de um estudo do tipo exploratório descritivo, desenvolvido em um município paulista.

A motivação para a realização deste estudo, teve por objetivo identificar que fatores estão facilitando ou limitando a produção de pesquisa em enfermagem, realizada pelos enfermeiros assistenciais, bem como expressar sua vivência em pesquisa no dia-a-dia do trabalho e o que eles pensam sobre o enfermeiro e a enfermagem.

O estudo foi realizado em nove serviços de saúde, compreendendo uma população de 249 enfermeiros assistenciais, onde 110 participaram do trabalho, sendo que 32 fizeram parte das entrevistas informais e 78 atuaram através da aplicação de questionários, representando, portanto, 44,2% da população.

Somente os enfermeiros assistenciais participaram do estudo, sendo 100% dos hospitais privados ou particulares, 100% dos serviços oficiais de saúde pública e 100% do hospital especializado, considerado como estatal ou para - estatal. Para o caso do hospital de ensino ou universitário também do tipo estatal foi feita uma estratificação da população.

Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados três tipos de instrumentos: 1. Entrevista informal; 2. Levantamento de publicações de artigos por enfermeiros do

centes, assistenciais e docentes assistenciais, na Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1961 a 1980 e 3. Aplicação de um questionário.

Dos resultados obtidos concluímos que os enfermeiros assistenciais estão motivados e interessados no desenvolvimento da pesquisa em enfermagem, mas, por outro lado, os serviços de saúde não proporcionam oportunidades para sua qualificação profissional em cursos de pós-graduação "Lato ou Stricto Sensu", bem como não dispõem de recursos humanos e materiais suficientes, além de não conhecerem e não solicitarem recursos das agências financeiras.

Outro aspecto que tem dificultado o seu desenvolvimento reside no fato de que os enfermeiros não têm acompanhado os trabalhos de investigação em enfermagem, por não adquirirem nem lerem livros ou periódicos e não manterem contatos com docentes de escolas de enfermagem. Possuem conhecimentos limitados em metodologia da pesquisa, não existem núcleos de pesquisa em enfermagem e orientadores em suas unidades de serviço.

O trabalho em serviços assistenciais é duro, cansativo, pouco atrativo e a pesquisa poderá ser feita, desde que fora do horário de trabalho e este é bastante rígido. Os serviços de saúde estão mais preocupados com a produtividade do que com a qualificação dos seus profissionais e no final do expediente restam-lhes pouco ânimo para o desenvolvimento da pesquisa em enfermagem, nos seus serviços.

Em se tratando de um estudo circunscrito a uma

área geográfica, não permite generalizações, entretanto a repetição em outras áreas poderá auxiliar na clarificação da questão.



### VIII. A B S T R A C T

A study of the exploratory descriptive type was carried out in a township of the State of São Paulo with the objective to identify the factors that are facilitating or limiting the production in nursing research by assistant nurses, and to express the experience of the latter in research during their working routine and what they think of nurses and nursing.

The study was performed in 9 health centers on a total population of 249 assistant nurses. Of these, 110 participated in the study through informal interviews (32) and by answering a questionnaire (78), thus representing 44,2% of the total population.

Only assistant nurses participated in the study, who represented 100% of the nursing personnel of privated hospitals, 100% of the nursing personnel in official public health centers, and 100% of the nursing population of specialized hospitals, considered to be State hospitals. Stratification of the population was carried out in the case of teaching or university hospitals, also of the State type.

Three kinds of research tools were used for this study: 1. Informal interview; 2. Survey of publications by nursing teachers, by assistant nurses and by teaching-assistant nurses in "Revista Brasileira de Enfermagem" from 1961 to 1980 and 3. Filling out a questionnaire.

On the basis of the results obtained, it was concluded that assistant nurses are motivated and interested in the development of nursing research, although health services do not provide opportunities for professional qualification in graduate courses "Lato or Stricto Sensu", do not have sufficient human and material resources, and do not know how to apply for support from financing agencies.

Another factor that hampers the development of nursing research is that nurses do not follow the nursing literature, do not buy books or journals and do not maintain contacts with teachers in nursing schools. Their knowledge of research methodology is limited, and there are no nuclei of nursing research or advisers in their institutions.

Work as a health assistant is hard, tiring and unattractive. Research must be carried out during off hours, after a rigid workaday schedule. Health services are more interested in the productivity rather than in the qualification of their professionals, who at the end of a working day, have little incentivation to remain awake for nursing research in their institutions.

Since the study was carried out in a limited geographical area, no generalizations can be made. However, the question could be clarified by expanding the study to other areas.

## IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, G. *A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos a sua expansão na sociedade brasileira*. Ribeirão Preto, USP/Escola de Enfermagem, 1963. Tese (concurso à Cátedra). Escola de Enfermagem das USP 125p.
- ALVIN, E. F. et alii. Estudo das atividades de enfermagem na Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 19(4):236-302, ago., 1966.
- ALMEIDA, M.C.P. et alii. *A produção do conhecimento na pós-graduação em enfermagem*. Manaus, Congresso Brasileiro de Enfermagem, 33., Ago. 1-8, 1981. 20p. Mimeografado.
- ANGERAMI, E.L.S. & ALMEIDA, M.C.P. *De como o enfermeiro está inserido no seu "espaço"*. Porto Alegre, Congresso Brasileiro de Enfermagem, 34., Out., 24-29, 1982. 18p. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Divulgação do conhecimento científico produzido na enfermagem*. Brasília, Seminário sobre Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa em Enfermagem, Avaliação & Perspectiva, 2., Abr., 24-26, 1982. 20p. Mimeografado.
- BALIELO, V. *Análise das atividades do pessoal de enfermagem de um hospital-escola*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1981. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRGS. 107p.

- BARNETT, D.E. Do nurses read? nurse mananges and nursing research reports. *Nurs. Times*, 77(50):2131-4, dec., 1981.
- BOEMER, M.R. Funções da enfermeira e suas perspectivas. *Rev. Bras. Enf.*, 2(3):170-3., 1976.
- BURLAMAQUE, C.S. *Estudo do desempenho do enfermeiro de um hospital de ensino em nível de unidade de internação*. Porto Alegre, UFRGS/Escola de Enfermagem, 1981. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRGS. 91p.
- CARVALHEIRO, J.R. [Enfoque...] In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, Ribeirão Preto, Nov. 20-22, 1979. Relatório. Ribeirão Preto, ABEn/CEPEen, 1979. p.21-51.
- CARVALHO, V. & CASTRO, I.B.e.,. Reflexões sobre a prática da enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31., Fortaleza, Ago. 5-11, 1979. Anais. Brasília ABEn, 1979. p. 51-59.
- CASTRO, I.B.e.,. Encerramento. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, Ribeirão Preto, Nov. 20-22, 1979. Relatório. Ribeirão Preto, ABEn/CEPEen, 1979. p.139-40.
- CASTRO, I.B.e.,. et alii. Relatório de Pesquisa operacional sobre as atividades de enfermagem no conjunto sanatorial Raphael de Paula Souza. *Rev. do Serv. Nac. de Tuberculose*, Rio de Janeiro, 14(53):5-66, jan./mar., 1970.
- CHATER, S. *Understanding research in nursing*. Geneva, World Health Organization, 1975. 36p. (Publication, 14).

- CIANCIARULLO, T.I. Prioridades e limitações da pesquisa em enfermagem no país: painel. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM*, Ribeirão Preto, Nov. 20-22, 1979. p. 107-15.
- CINTRA; A.B.U. Pesquisa científica e tecnologia no hospital escola. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE*, 2., Porto Alegre, Nov. 1979. p. 106-16 apud BURLAMAQUE, C.S. *Estudo do desempenho do enfermeiro de um hospital em nível de unidade de internação*. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRGS. p.29.
- CUDDIHY, J.T. Clinical research: translation into nursing practice. *Int. J. Nurs. Stud.*, 16(1):65-72, 1979.
- DIERS, D. The role of continuing education in promoting research in practice. *J. Contin. Educ. Nurs.*, 8(3):54-62, may/jun., 1977.
- FERREIRA SANTOS, C.A. Pesquisa responsabilidade nova das escolas de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 17(5):278-90, out., 1964.
- FERREIRA SANTOS, C.A. & MINZONI, M.A. Estudo das atividades de enfermagem em quatro unidades de um hospital governamental. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 21(5):393-443, out., 1968.
- GIBBONS, L.K. La investigación en enfermería: un campo interdisciplinario. In: *ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SALUD*. Antologia de experiências en servicio y docência en enfermería em América Latina. Washington, OPAS/OMS, [1980]. Publicación Científica, 393. p.180-96.

- GRANSE, C.A. Progress and research in nursing. *J. Contin. Educ. Nurs.* 9(5):30-4, set/oct., 1978.
- HANSON, R.L. Research in nursing service. *Nurs. Outlook*, 19(8):520-3, ago., 1971.
- HAYES, M. Nursing research is not every nurse's business. *Canad. Nurse*, 70(10):17-8, oct., 1974.
- HEFFERIN, E.A. et alii Promoting research - based nursing : the administrator's role. *J. Nurs. Adm.*, 12(5):34-41, may, 1982.
- HODGMAN, E.C. Closing the gap between research and practice: changing the answers to the "who", the "Where" and to "how" of nursing research. *Int. J. Nurs. Stud.*, 16(1):105-10, 1979.
- HORTA, W.A. Os mitos da enfermagem. *Enfermagem: Novas Dimensões*, São Paulo, 1(2):60-3, 1975.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa em enfermagem. *Enfermagem: Novas Dimensões*, São Paulo, 2(2):iii, maio/jun., 1976.
- HOSKINS, R.N. Nursing research: its direction and future. *Nurs. Forum*, 18(2):175-86, 1979.
- INMAN, U. Nursing research - fact or fiction? *Nurs Times*, 68(2):46, jan., 1972.
- KETEFIAN, S. Application of selected nursing research findings into nursing practice. *Nurs. Res.*, 24(2): 89-92 , mar/apr., 1975.
- KRON, T. *Manual de enfermagem*. Rio de Janeiro, Ed. Interamericana, 1978. 251p.

- KRUEGER, J.C. Utilization of nursing research: the planning process. *J. Nurs. Admin.*, 8(1):6-9, jan., 1978.
- LELEAN, S.R. Research in nursing: an overview of D.H.S.S. initiatives in developing research in nursing - 1. *Nurs. Times: Occasional Papers*, 76(2):5-8, jan. 17, 1980.
- LINDEMAN, C.A. Nursing research: a visible, viable component of nursing practice. *J. Nurs. Admin.*, 3(2):18-21, mar/apr., 1973.
- MACHADO, M.H. *Assistência de Enfermagem centrada na pessoa - uma aplicação em ambulatório de hospital geral*. Ribeirão Preto, USP, 1980. Tese (Livre-Docência) Escola de Enfermagem - U.S.P. 159p.
- MANZOLLI, M.C. *A psicologia em escola de enfermagem: o ensino, a docência, a pesquisa*. Ribeirão Preto, USP, 1980. Tese (Livre-Docência) Escola de Enfermagem - U.S.P. 358p.
- NERY, M.E.S. *A avaliação de desempenho do pessoal de enfermagem no hospital Nossa Senhora da Conceição*. Porto Alegre, 1981 (Relatório) apud BALIELO, V. *Análise das atividades do pessoal de enfermagem de um hospital-escola*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1981. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRGS.
- NEVES, E.P. *Vazios do conhecimento e sugestões de temáticas relevantes na área de enfermagem*. Brasília, Seminário sobre Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa em Enfermagem: Avaliação & Perspectiva, 2., Abr., 24-26, 1982. 23p. Mimeografado.

- NOGUEIRA, M.J.C. *A pesquisa em enfermagem no Brasil: retrospectiva histórica*. Brasília, Seminário sobre Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa em Enfermagem: Avaliação & Perspectiva, 2., Abr. 24-26, 1982. 13p. Mimeografado.
- NOTTER, L.E. The editors report - january 1973. *Nurs. Res.*, 22(1), 1973.
- OGUISSO, T. & SCHIMIDT, M.J. Problemas assistenciais de enfermagem nos hospitais e clínicas particulares. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 28(1):24-34, jan./mar., 1976.
- OLIVEIRA, M.I.R. de, Enfermagem e pesquisa: importância e significação. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 17(5):206-15, out., 1964
- \_\_\_\_\_, Enfermagem e estrutura social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31., Fortaleza, Ago. 5-11, 1979 Anais. Brasília, ABEn, 1979. p.9-26.
- PADILLA, G.V. Incorporating research in a service sitting. *J. Nurs. Admin.*, 9(1):44-9, jan., 1979.
- PAIM, L. *A prescrição de enfermagem - unidade valorativa do plano de cuidado*. Rio de Janeiro, U.F.R.J., 1976. Tese (Mestrado) Escola de Enfermagem Ana Nery - U.F.R.J.
- \_\_\_\_\_, Prioridades e limitações da pesquisa em enfermagem no país: painel. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, Ribeirão Preto, Nov. 20-22, 1979. Relatório. Ribeirão Preto, ABEn/CEPEn, 1979. p.119-33.



- PICANÇO, I.J. et alii. Uma tentativa de avaliação dos serviços de enfermagem de hospitais contratados pelo Instituto Nacional de Previdência Social - I.N.P.S. em São Paulo - 1972. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 25(4):193-214, jul/set., 1972.
- POOLE, P.E. Nurse, please show me that you care. *Canad. Nurse.*, 66(2):25-7, feb., 1970.
- REGENIN, M.I.R.S. Estudo das áreas de atuação de enfermagem de saúde pública. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979. Dissertação. Escola de Enfermagem da UFRGS. 109p. apu BALIELO, V. *Análise das atividades do pessoal de enfermagem de um hospital-escola*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1981. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRGS. 107p.
- RHODUS, C.C. Prioridades e limitações da pesquisa em enfermagem no país: painel. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM*, Ribeirão Preto, Nov. 20-22, 1979. Relatório. Ribeirão Preto, ABEn/CEPEn, 1979. p.133-8.
- RODRIGUES, A.P.S. *Possibilidades e limitações da pesquisa em enfermagem no Brasil - estudo comparativo entre mestres e mestrados sobre suas dissertações de mestrado*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UFRJ. 214.p.
- RONCÁGLIA, E. et alii. Considerações gerais sobre início de carreira. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 28(4):59-69, out/dez 1975.

- SAEKI, T. *Caracterização das atividades do enfermeiro na assistência ao doente mental internado nos hospitais psiquiátricos do Estado de São Paulo*. Ribeirão Preto, USP/Escola de Enfermagem, 1982. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem/Enfermagem Psiquiátrica-USP. 92p.
- SANTOS, M.I. dos. Integração do ensino e serviço de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*, 28(3):60-70. jul/set., 1975.
- SELLTIZ, C. et alii. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, Ed. Herder/EDUSP, 1967 687p.
- SILVA, A.X. Enfermeiro-profissional autônomo ou subsidiário. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM*, 31., Fortaleza, Ago., 5-11, 1979. Anais. Brasília, ABEn, 1979. p.71-84.
- SILVA, G.B. Desenvolvimento da enfermagem-correlação dos problemas da profissão e da mulher na sociedade. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM*, 31., Fortaleza, Ago. 5-11, 1979. Anais. Brasília, ABEn, 1979. p.27-32.
- SIMPSON, M. Research in nursing... the first step. *Nurs. Mirror*, 132(12):22-7, mar., 1971.
- SOUZA, A.M.J. et alii. Estudos de atividades de pessoal auxiliar de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 21(5):443-57, out., 1968.
- STEPHEN, S. A service - based information project. *Nurs. Times*, 77(50):2134-5, dez., 1981.

- TREVIZAN, M.A. *Estudo das atividades dos enfermeiros-chefes de unidade de internação de um hospital-escola*. Ribeirão Preto, USP/Escola de Enfermagem, 1978. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem da UPS. 117p.
- TREVIZAN, M.A. et alii. *A respeito da colaboração do enfermeiro de serviço às atividades de ensino e de pesquisa*. Manaus, Congresso Brasileiro de Enfermagem, 33., Ago. 1-8, 1981. 20p. Mimeografado.
- VIEIRA, A. et alii. Elementos básicos para o diagnóstico de enfermagem. *Rev. Paul. Hosp.*, 19(4):24-9, abr., 1971.
- VIEIRA, T.T. *Produção científica em enfermagem no Brasil : 1960-1979*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1980. Tese (Professor-Titular) Escola de Enfermagem - U.F.BA.. 200p.
- VODA, A.M. et alii. On the process of involving nurses in research. *Nurs. Res.*, 20(4):302-8, jul/aug., 1971.
- WAGNER, D. The proletarianization of nursing in the United States - 1932 - 1946. *Int. J. Health Serv.*, 10(2) : 271-90, 1980.
- WERLEY, H.H. This I believe... about clinical nursing research. *Nurs. Outlook*, 20(11):718-22, nov., 1972.

## X. A N E X O I

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 - Qual a importância da pesquisa em enfermagem efetuada por enfermeiro assistencial?
- 2 - Você acha que todo enfermeiro assistencial deve desenvolver pesquisa em enfermagem?
- 3 - Existe núcleo de pesquisa na sua unidade de serviço?
- 4 - Há alguma norma na sua unidade que solicita do enfermeiro assistencial desenvolver pesquisa?
- 5 - Você se considera com tempo para desenvolver pesquisa na sua unidade de serviço?
- 6 - É sócio da Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn?
- 7 - Tem hábito de comprar livros?
- 8 - Após a graduação, participou de algum programa de educação continuada, como: Curso de Especialização, Aperfeiçoamento, Mestrado.
- 9 - Como vê a integração entre ensino e serviço?
- 10 - Você se considera apto a desenvolver trabalhos científicos dentro das normas de Metodologia da Pesquisa?
- 11 - Se você fosse desenvolver trabalho de pesquisa na sua unidade de serviço, quem procuraria para lhes dar orientação: médico, enfermeiro docente ou assistencial, ou outro profissional?
- 12 - Tem acompanhado o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa em enfermagem no Brasil?
- 13 - Como vê a aplicação de resultados de pesquisas na sua unidade de serviço?

## XI. A N E X O 2

### QUESTIONÁRIO

O presente instrumento de trabalho tem por objetivo colher informações a respeito da situação dos enfermeiros assistenciais e das condições oferecidas para o desenvolvimento das atividades de pesquisa em enfermagem, bem como estudar os fatores facilitadores e restritivos relativos às mesmas.

Gostaríamos de contar com sua colaboração, no sentido de nos fornecer respostas objetivas e completas às questões aqui formuladas.

Agradecemos-lhe antecipadamente a colaboração que está nos emprestando e, na oportunidade, informamos que não há necessidade de sua identificação.

CRESO MACHADO LOPES  
Executor do Plano

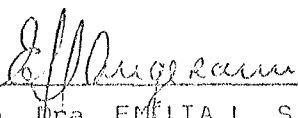


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO  
"CAMPUS" DE RIBEIRÃO PRETO  
14.100 - RIBEIRÃO PRETO - S. P.

P A R E C E R

Como orientadora do candidato CRESO MACHADO LOPES, considero a pro forma da sua dissertação de Mestrado intitulada "A produção dos Enfermeiros Assistenciais em relação à pesquisa em enfermagem, em um município paulista", em condições de ser apreciada pela comissão examinadora.

Ribeirão Preto, 03 de Janeiro de 1983

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. EMÍLIA L. S. ANGERAMI  
Orientadora

Nº de Ordem

.....

1. Nome da Instituição de Saúde onde trabalha.

.....

2. Local (cidade).

.....

3. Qual o cargo que ocupa?

.....

4. Onde você trabalha dentro dessa Instituição? (Responda so  
mente uma alternativa).

No hospital todo ( )

Em unidade de serviço ( )

Especifique quais: .....

.....

5. Há quanto tempo está formado?

0 — 01 ano ( )                      15 — 20 anos ( )

01 — 05 anos ( )                      20 — 25 anos ( )

05 — 10 anos ( )                      25 — 30 anos ( )

10 — 15 anos ( )                      30 e mais ( )

6. Coursou Pós-Graduação antes de 1970?

Sim ( )                      Não ( )

Mestrado ( )                      Área .....

.....

7. Já fez algum Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu".

OBSERVAÇÃO: "Considera-se Pós-Graduação - Lato Sensu os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização com carga horária igual ou superior a 360 horas".

Especifique: .....

8. E de Pós-Graduação "Stricto Sensu"?

Mestrado ( ) Área .....

Doutorado ( ) Área .....

9. Está cursando Pós-Graduação?

Sim ( ) Não ( )

Mestrado ( )

Doutorado ( )

Especialização ou Aperfeiçoamento ( )

Outro(s)

Especifique .....

10. Sem estar matriculado regularmente, já fez ou está fazendo alguma disciplina no Curso de Pós-Graduação?

Sim ( ) Não ( )

Especifique .....



11. Já concluiu ou faz atualmente algum outro curso superior?

Sim ( ) Não ( )

Especifique .....

.....

12. Cursou a Disciplina Metodologia da Pesquisa?

Na Graduação em Enfermagem ( )

Fora da Graduação em Enfermagem ( )

Está cursando ( )

Não cursou ( )

Não se lembra ( )

13. O que você acha da pesquisa em enfermagem?

.....

.....

14. Na instituição onde você trabalha há alguma norma que regulamenta ou aborda a pesquisa em enfermagem?

Sim ( ) Não ( ) Não sabe ( )

15. Quem desenvolve pesquisa na instituição onde você trabalha?

Enfermeiro Sim ( ) Não ( ) Não sabe ( )

Médico Sim ( ) Não ( ) Não sabe ( )

Outros profissionais? Quais:.....

.....



19. Já fez algum trabalho de pesquisa em enfermagem?

Sim ( ) Não ( )

Quantos ( )

Houve publicação?

Sim ( ) Não ( )

Os quesitos abaixo deverão ser preenchidos somente em caso do enfermeiro ter algum trabalho publicado. Não havendo publicação passe à questão de Nº 20.

a) Nome do trabalho .....

Autor ( ) Co-autor ( )

Publicação: .....

b) Nome do trabalho .....

Autor ( ) Co-autor ( )

Publicação: .....

c) Nome do trabalho .....

Autor ( ) Co-autor ( )

Publicação: .....

d) Nome do trabalho .....

Autor ( ) Co-autor ( )

Publicação:

20. Esse(s) trabalho(s) foi(foram) apresentado(s) em Congres-  
sos ou Similares?

Sim ( ) Não ( )

21. Por que esse(s) trabalho(s) não foi(foram) publicado(s)?

.....  
.....

22. Você tem mantido contato com docentes de Escolas de En-  
fermagem ou outras entidades para discutir assuntos de pes-  
quisa?

Sim ( ) Não ( )

Justifique sua resposta: .....  
.....

23. Quantos livros aproximadamente você compra por ano?

.....  
Assunto: .....  
.....

24. É assinante de revistas na área de saúde?

Sim ( ) Não ( )

Quais?.....  
.....

25. Você tem hábito de ler as publicações que recebe?

Sim ( ) Não ( ) Em parte ( )

26. Tem acompanhado os trabalhos de pesquisa em enfermagem no Brasil?

Sim ( )                      Não ( )                      Em parte ( )

Por que?.....  
.....

27. Você pertence a entidades de classe?

Sim ( )

Quais?.....  
.....

Não ( )

Por que?.....  
.....

28. Quais as facilidades e incentivos encontrados pelo enfermeiro assistencial para desenvolver pesquisa?

.....  
.....

29. Quais as dificuldades e limitações encontradas pelo enfermeiro assistencial para desenvolver pesquisa?

.....  
.....